

Geometria simplética

Índice

1	Aula 1	3
1.1	Origem da geometria simplética	3
1.2	Formalismo hamiltoniano (simplificado)	3
1.3	Evolução temporal (equações de Hamilton)	4
1.4	Álgebra linear simplética	6
2	Aula 2	7
2.1	Subespaços de evs	7
2.2	Equivalência entre ev's simpléticos	9
3	Aula 3	11
4	Aula 4	11
5	Aula 5	11
5.1	Forma tautológica no fibrado cotangente	11
6	Aula 6	14
6.1	Colchete de Poisson	15
6.2	Teorema de Darboux	16
7	Aula 7	19
7.1	Subvariedades	19
7.2	Pausa para distribuições	20
7.3	Voltando	20
7.3.1	Sobre subvariedades coisotrópicas	21
8	Aula 8	21
8.1	Alguns exemplos de subvariedades lagrangianas	22
8.2	Método de Moser	22
9	Aula 9	25
9.1	Aplica ção ao teorema de Darboux	25
9.2	Teorema de Darboux generalizado (Weinstein)	27
9.2.1	Sobre o Lema de Poincaré relativo	28
9.2.2	Vizinhança tubular	29
9.3	Monitoria 2	29
10	Aula 10	29
10.1	Darboux generalizado versão 2.0	31
10.2	Teorema das vizinhanças Lagrangianas de Weinstein	32

11 Aula 11	34
11.1 Aplicação (de Weinstein): pontos fixos de symplectomorfismos	34
11.2 Outra classe de exemplos de variedades simpléticas: órbitas coadjuntas	35
11.2.1 Revisão de grupos e álgebras de Lie	35
11.2.2 Sobre $SU(2)$	37
12 Aula 12	37
12.1 Álgebras de Lie	37
12.2 Relação entre grupos de Lie e álgebras de Lie	38
12.3 Propriedades fundamentais	40
12.4 Teoremas fundamentais de Lie (da álgebra para o grupo)	41
13 Aula 13	42
13.1 Ações	42
13.2 Descrição infinitesimal de G -ações	44
13.3 No caso de representações	45
13.4 Geradores infinitesimais das ações adjunta e coadjunta	45
13.4.1 Dualização	46
14 Aula 14	47
14.1 Ações infinitesimais (\mathfrak{g} -ações)	47
14.2 Mais sobre ações	48
14.3 De volta à geometria simplética	51
15 Aula 15	52
15.1 Exemplos concretos (da ação coadjunta)	53
15.2 Ponto de vista "Poisson"	55
15.2.1 Descrição tensorial (do colchete de Poisson)	56
15.2.2 Distribuição característica	56
15.2.3 Uma classe especial de variedades de Poisson	56
16 Aula 16	57
16.1 Caso mais simples	57
16.2 Caso geral	58
16.3 Princípio de Noether	59
16.4 Exemplos de ações Hamiltonianas	60
17 De forma mais geral	60
18 Aplicações momento: quando existem e o que fazer com elas	61
19 Quocientes de ações por grupos de Lie	62
19.0.1 Critério para ações regulares	62
20 Aula 17: redução simplética (quociente simplético)	63
20.1 Uma proposição parecida ao exercício 5 da lista 3	63
20.2 G conexo	63
20.3 G qualquer	64

20.4 Redução simplética	64
20.5 Alguns comentários sobre o teorema	66
20.6 Exemplos simples	67
21 Aula 18	67

1 Aula 1

Além do material do curso, uso bastante Lee, Intro. to Smooth Manifolds, e [Tong, Lectures on Classical Mechanics](#).

1.1 Origem da geometria simplética

- Formulação da geometria da mecânica (séc XIX).
- Versão moderna, 1960-70.
- Diferentes descrições da mecânica clássica:
 - Newtoniano: $F = ma$, equação diferencial ordinária de segunda ordem.
 - Lagrangiano: princípio variacional (Eq. E-L). Following Tong, these equations are:
 - Hamiltoniano.

1.2 Formalismo hamiltoniano (simplificado)

This happened in the 1880's (according to Tong).

- Espaço de base $\mathbb{R}^2 = \{(p, q)\}$ (conjunto de estados)
- Função Hamiltoniana $H \in C^\infty(\mathbb{R}^{2n})$.
- Campo Hamiltoniano: $X_H \in \mathfrak{X}(\mathbb{R}^{2n})$.

$$X_H = \begin{pmatrix} \frac{\partial H}{\partial p_i} \\ -\frac{\partial H}{\partial q_i} \end{pmatrix} = \left(\begin{array}{c|c} 0 & \text{Id}_n \\ \hline -\text{Id}_n & 0 \end{array} \right)$$

Which coincides with Lee's formula

$$\begin{aligned} \dot{x}^i(t) &= \frac{\partial H}{\partial y^i}(x(t), y(t)), \\ \dot{y}^i(t) &= -\frac{\partial H}{\partial x^i}(x(t), y(t)) \end{aligned}$$

where Lee defined the **Hamiltonian vector field** as the *analogue of the gradient with respect to the symplectic form*, that is, satisfying $\omega(X_H, Y) = dH(Y)$ for any vector field Y .

Also look at Tong's formulation:

$$\begin{aligned}\dot{p}_i &= -\frac{\partial H}{\partial q_i} \\ \dot{q}_i &= \frac{\partial H}{\partial p_i} \\ -\frac{\partial L}{\partial t} &= \frac{\partial H}{\partial t}\end{aligned}$$

where L is the Lagrangian and the Hamiltonian function H is obtained as the Legendre transform of the Lagrangian. Tong shows how the Hamiltonian formalism allows to replace the n 2nd order differential equations by $2n$ 1st order differential equations for q_i and p_i .

In practice, for solving problems, this isn't particularly helpful. But, as we shall see, conceptually it's very useful!

At least for me, it looks like a first insight on why symplectic geometry lives on even-dimensional spaces.

1.3 Evolução temporal (equações de Hamilton)

Curvas integrais

$$c(t) = (q_i(t), p_i(t))$$

de X_H , ie.

$$c'(t) = X_H(c(t)) \iff \begin{cases} \dot{q}_i &= \frac{\partial H}{\partial p_i} \\ \dot{p}_i &= -\frac{\partial H}{\partial q_i} \end{cases}$$

que são as *Equações de Hamilton* (de novo).

Exemplo Partícula de massa m em $\mathbb{R}^3 = \{q_1, q_2, q_3\}$ sujeita a campo de força conservativa

$$F = -\nabla V, \quad V \in C^\infty(\mathbb{R}^3)$$

$$q(t) = (q_1, q_2, q_3)$$

Equação de Newton:

$$m\ddot{q} = \partial V(q) \iff m\ddot{q}_i = \frac{\partial V}{\partial q_i}(q), \quad i = 1, 2, 3.$$

Ponto de vista Hamiltoniano:

- Espaço de fase $\mathbb{R}^5 = \{(q_i, p_i)\}$.
- Hamiltoniano: $H(p, q) = \frac{1}{2m} \sum_i p_i^2 + V(q)$
- Equações de Hamilton

$$\begin{cases} \dot{q}_i = p_i/m \iff p_i = m\dot{q}_i \\ \dot{p}_i = -\frac{\partial V}{\partial q_i} \end{cases}$$

$$H \in C^\infty(\mathbb{R}^{2n}) \rightsquigarrow \nabla H \xrightarrow{-J_0 \nabla H} X_H$$

where $J_0 = \begin{pmatrix} 0 & -I \\ I & 0 \end{pmatrix}$. So it looks like another way of obtaining (defining?) the Hamiltonian vector field is to take the gradient of H and then applying J_0 . So it would be nice to see eventually that this is the same as Lee's definition of "symplectic gradient" so to say.

Compondo ∇H e X_H : taxa de variação de H ao longo dos fluxos. Mas: o que é a composição de dois campos vetoriais? Tal vez é a derivada exterior de H , dH em lugar do gradiente de H .

- **Fluxo gradiente**

$$c'(t) = \nabla H(c(t))$$

$$\frac{d}{dt} H(c(t)) = \langle \nabla H(c(t)), c'(t) \rangle = \|\nabla H(c(t))\|^2$$

∇H aponta na direção que H variação.

- **Fluxo hamiltoniano**

$$c'(t) = X_H(c(t))$$

$$\begin{aligned} \frac{d}{dt} H(c(t)) &= \langle \nabla H(c(t)), c'(t) \rangle \\ &= \langle \nabla H(c(t)), -J_0 \nabla H(c(t)) \rangle \\ &= 0 \end{aligned}$$

?, $H \in C^\infty(\mathbb{R}^{2n})$, $H \rightsquigarrow dH \in \Omega^1(\mathbb{R}^{2n})$.

- **Gradiente.** $\nabla H(x) \in T_x \mathbb{R}^{2n} = \mathbb{R}^{2n}$ é único.

$$g_0(\nabla H(x), \cdot) = \langle \nabla H(x), \cdot \rangle = dH(x)$$

onde g_0 é a métrica Euclidiana. De outra forma,

$$\begin{aligned} g_0^b : \mathbb{R}^{2n} &\xrightarrow{\sim} (\mathbb{R}^{2n})^* \\ u &\mapsto g_0(u, \cdot) \end{aligned}$$

assim,

$$\nabla H(x) \xrightarrow{\sim} dH(x).$$

Analogamente, $X_H(x) \in \mathbb{R}^{2n}$ é único tal que?

$$\Omega_0(X_H(x), \cdot) = dH(x), \quad \Omega_0(u, v) = -dJ_0 V,$$

ou:

$$\begin{aligned} \Omega_0^b : \mathbb{R}^{2n} &\xrightarrow{\sim} (\mathbb{R}^{2n})^* \\ X_H(x) &\longleftrightarrow dH(x) \end{aligned}$$

Observação Note que Ω_q define uma 2-forma (c...?) em $\mathbb{R}^{2n} = \{(q_i, p_i)\}$.

$$\omega_0 = \sum_{i=1}^n dq_i \wedge dp_i \in \Omega_2(\mathbb{R}^{2n}),$$

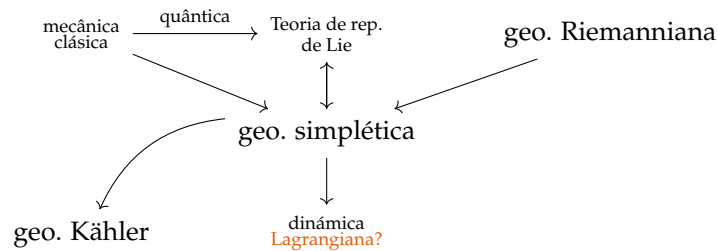
X_H é único tal que $i_{X_H} \omega_0 = dH$. So this was Lee's definition ☺.

Definição (temporária) Uma *variedade simplética* é (M, ω) , $\omega \in \Omega^2(M)$ localmente isomorfa a $(\mathbb{R}^{2n}, \sum_i dq_i \wedge dp_i)$.

[Dessenho mostrando que o pullback da carta coordenada leva ω em $\sum_i dq_i \wedge dp_i$.

Teorema (de Darboux, em Lee) Let (M, ω) be a $2n$ -dimensional symplectic manifold. For any $p \in M$ there are smooth coordinates $(x^1, \dots, x^n, y^1, \dots, y^n)$ centered at p in which ω has the coordinate representation $\omega = \sum_{i=1}^n dx^i \wedge dy^i$.

And Lee does a proof using the *theory of time-dependant flows*.



1.4 Álgebra linear simplética

V espaço vetorial real, $\Omega : V \times V \rightarrow \mathbb{R}$ forma bilinear ansimétrica, i.e. $\Omega \in \Lambda^2 V^*$.

Definição Ω é não degenerada se $\Omega(u, v) = 0 \forall v \iff u = 0$.

Following Lee, this can also be stated as: for each nonzero $v \in V$ there exists $w \in V$ such that $\omega(v, w) \neq 0$; and it is equivalent to the linear map $v \mapsto \omega(v, \cdot) \in V^*$ being invertible, and also that in terms of some (hence every) basis, the matrix (ω_{ij}) representing ω is nonsingular.

Ou seja, se

$$\ker \Omega := \{u \in V | \Omega(u, v) = 0 \forall v\}$$

então Ω é não degenerada se e somente se $\ker(\Omega) = \{0\}$.

$\Omega \in \Lambda^2 V^*$ é não degenerada é chamada simplética. (V, Ω) é um *espaço vectorial simplético*.

Observação

1. $\{e_1, \dots, e_n\}$ base de V , Ω é representado por uma matriz antisimétrica

$$A = (A_{ij}), \quad A_{ij} = \Omega(e_i, e_j), \quad \Omega(u, v) = u^t A v.$$

2. Ω é não degenerada se e somente se $\det(A) \neq 0$.

Note que

$$\det A = \det A^t = \det(-A) = (-1)^{\dim V} \det(A)$$

implica que $\det A \neq 0 \implies m = \dim V = 2n$

3. $\Omega \in \Lambda^2 V^*$. Defina

$$\begin{aligned}\Omega^\flat : V &\longrightarrow V^* \\ u &\longmapsto \Omega(u, \cdot)\end{aligned}$$

note que $\ker \Omega = \ker(\Omega^\flat)$, assim Ω é não degenerada se e somente se Ω^\flat é isomorfismo.

2 Aula 2

2.1 Subespaços de evs

Sejam (V, Ω) evs e $V \subseteq V$ subespaço.

Definição Seja (V, Ω) um espaço vetorial simplético. Dado um subespaço $W \subseteq V$, definimos seu *ortogonal simplético* como

$$W^\Omega := \{v \in V \mid \Omega(v, w) = 0 \ \forall w \in W\}$$

Note que se

$$\begin{aligned}\Omega^\flat : V &\longrightarrow V^* \\ v &\longmapsto i_v \Omega = \Omega(v, \cdot)\end{aligned}$$

temos que

$$\ker \Omega := \ker \Omega^\flat = W^\Omega.$$

Considere a restrição de Ω à W :

$$i : W \hookrightarrow V, \quad i^* \Omega = \Omega|_W \in \Lambda^2 W^*,$$

então

$$\ker(\Omega|_W) = W \cap W^\Omega$$

Casos de interesse:

- **Isotrópico:** $W \subseteq W^\Omega$ ($\iff \Omega|_W \equiv 0$).
- **Coisotrópico:** $W^\Omega \subseteq W$.
- **Lagrangiano:** $W = W^\Omega$.
- **Simplético:** $W \cap W^\Omega = \{0\}$ ($\Omega|_W$ é não degenerado (=simplético)).

Lemma $\dim W + \dim W^\Omega = \dim V$.

Demonstração.

$$\begin{aligned}\Omega^1 : V &\xrightarrow{\sim} V^* \\ u &\longmapsto \Omega(u, \cdot)\end{aligned}$$

Note que $W^\Omega \mapsto \text{Ann}(W)$, assim

$$\dim W + \dim \text{Ann}(W)' = \dim V$$

□

Observação

- $W \subseteq V$ subespaço simplético se e somente se $V = W \oplus W^\Omega$.
- W isotrópico $\implies \dim W \leq \frac{\dim V}{2}$.
- W coisotrópico $\implies \dim W \geq \frac{\dim V}{2}$.
- W Lagrangiano se $\dim W = \frac{\dim V}{2}$.

De fato, W é Lagrangiano se e somente se W é isotrópico e $\dim W = \frac{\dim V}{2}$.

Exercício

- $(W^\Omega)^\Omega = W$ (W isotrópico se e somente se W^Ω).
- $(W_1 \cap W_2)^\Omega = W_1^\Omega + W_2^\Omega$.

Exemplo

- Subespaços de dimensão 1 são isotrópicos (subespaços de codimensão 1 são coisotrópicos).
- $V = V \oplus W^*$, onde V tem a forma Ω_{can} e W e W^* são Lagrangianos.
- \mathbb{R}^{2n} , $\{e_1, \dots, e_n, f_1, \dots, f_n\}$ base simplética, então $\text{span}\{e_i, f_i\}$ é simplético, e $\text{span}\{e_1, \dots, e_k\}$ é isotrópico (se $k = n$ é Lagrangiano).
- (V_1, Ω_1) e (V_2, Ω_2) evs's, $T : V_1 \rightarrow V_2$ isometria linear, $\text{graf}(T) := \{(u, Tu) : u \in V_1\} \subseteq V_1 \times V_2$. T é symplectomorfismo se e somente se $\text{graf}(T)$ é um subespaço Lagrangiano em $V_1 \times V_2$.
- $\dim \text{graf}(T) = \dim V_1 = \frac{1}{2} \dim(V_1 \times V_2)$.
- $\Omega_{V_1 \times V_2}((u, Tu), (v, Tv)) = \Omega(u, v) - \underbrace{\Omega_2(Tu, Tv)}_{= T^* \Omega_2(u, v)} (= 0 \iff \Omega_1 = T^* \Omega_2)$.

Teorema (Existência das bases simpléticas) Para qualquer (V, Ω) evs existe uma base simplética.

Demonstração. Seja $e_1 \in V \setminus \{0\}$. Como Ω é não degenerada, existe $f_1 \in V$ tal que $\Omega(e_1, f_1) = 1$. Considere $W_1 = \text{span}\{e_1, f_1\}$. Então $\Omega|_{W_1}$ é não degenerado (ie. W_1 é simplético), o que acontece se e somente se $V = W_1 \oplus W_1^\Omega$. Assim, existem $e_2 \neq 0$ in W_1^Ω e $f_2 \in W_1^\Omega$ tal que $\Omega(e_2, f_2) = 1$, etc... ($V = W_1 \oplus W_2 \oplus \dots \oplus W_n$). O conjunto $\{e_1, \dots, e_n, f_1, \dots, f_n\}$ é uma base simplética. \square

Exercício V ev de dimensão $2n$ e $\Omega \in \Lambda^2 V^*$ é não degenerada se e somente se $\Omega^n = \Omega \wedge \dots \wedge \Omega \in \Lambda^{2n} V^* \neq 0$.

2.2 Equivalência entre ev's simpléticos

(V, Ω) e (V', Ω') são *equivalentes* se existe um *simplectomorfismo* linear $\varphi : V \xrightarrow{\sim} V'$ (isometria linear) tal que

$$\varphi^* \Omega' = \Omega \in \Lambda^2 V^*$$

onde

$$\varphi^* \Omega'(u, v) = \Omega'(\varphi(u), \varphi(v)).$$

Dado (V, Ω) evs, definimos

$$\text{Sp}(V) := \{T \in \text{GL}(V) | T^* \Omega = \Omega\}$$

Exemplo

1. $V = \mathbb{R}^{2n}$, $\Omega_0(u, v) = -u^T J_0 v$ onde $J_0 = \begin{pmatrix} 0 & -I \\ I & 0 \end{pmatrix}$, com base canônica $\{e_1, \dots, e_n, f_1, \dots, f_n\}$. Temos

$$\begin{cases} \Omega_0(e_i, e_j) = 0 \\ \Omega_0(e_i, f_j) = \delta_{ij} \\ \Omega_0(f_i, f_j) = 0 \end{cases} \quad (1)$$

Definição Uma base de (V, Ω) satisfazendo eq. (1) é chamada *base simplética*.

Following Lee, Example. 22.2, the condition may be that $\Omega = \sum_{i=1}^n \alpha^i \wedge \beta^i$ where α^i and β^i are just the dual basis covectors of the base $\{A_1, \dots, A_n, B_1, \dots, B_n\}$ of V .

Observação Escolher/Achar uma base simplética é equivalente à escolher/achar um simplectomorfismo

$$(V, \Omega) \xrightarrow{\sim} (\mathbb{R}^{2n}, \Omega_0)$$

2. W espaço vetorial sobre \mathbb{R} , sejam $V = W \oplus W^*$, $w, w' \in W$ e $\alpha, \alpha' \in W^*$

$$\Omega_2((w, \alpha), (w', \alpha')) := \alpha'(w) - \alpha(w')$$

é não degenerada e anti-simétrica. Assim,

$$(W \oplus W^*, \Omega_2)$$

é um espaço vetorial simplético.

Observação Se $\{e_1, \dots, e_n\}$ é uma base simplética de W e $\{f_1, \dots, f_n\}$ é a base dual de W^* , então

$$(W \oplus W^*, \Omega) \cong (\mathbb{R}^{2n}, \Omega_0).$$

Note que ainda que dado

$$A : W \xrightarrow{\sim} W$$

automorfismo ?,

$$T_A := \begin{pmatrix} A & 0 \\ 0 & (A^*)^{-1} \end{pmatrix} : W \oplus W^* \rightarrow W \oplus W^*$$

é symplectomorfismo, $(T_A = A \oplus (A^*)^{-1})$.

Moral: $GL(W) \hookrightarrow Sp(W \oplus W^*)$

$$\begin{aligned} EV &\xrightarrow{\text{functor}} EVS \\ A \circ W &\longmapsto W \oplus W^* \circ T_A \end{aligned}$$

3. V ev sobre \mathbb{C} , $\dim_{\mathbb{C}} = n$, com produto interno hermitiano

$$h : V \times V \rightarrow \mathbb{C}$$

i.e. satisfazendo

- (a) $h(u, \lambda v) = \lambda h(u, v) \quad \forall \lambda \in \mathbb{C}$,
- (b) $h(u, v) = \overline{h(v, u)}$,
- (c) $h(u, u) > 0 \quad \forall u \neq 0$,

pode ser escrito como

$$h(u, v) = g(u, v) + i\Omega(u, v)$$

Agora considere V como espaço vetorial sobre \mathbb{R} (de dimensão $2n$).

Exercício

- g é produto interno positivo definido.
- Ω é antisimétrica, não degenerada (simplética).
- Ache uma base de V (dica: extensão de base ortonormal de h ...)
- $U(n) \subset SP(V, \Omega)$.

4. Produto direto: $(V_1, \Omega_1), (V_2, \Omega_2)$ espaços vetoriais.

$$\begin{array}{ccc} & V_1 \times V_2 & \\ \pi_1 \swarrow & & \searrow \pi_2 \\ V_1 & & V_2 \end{array}$$

Tem a forma simplética é o pullback:

$$\Omega := \pi_1^* \Omega_1 + \pi_2^* \Omega_2$$

ou seja,

$$\Omega((u_1, u_2), (v_1, v_2)) := \Omega_1(u_1, v_1) + \Omega_2(u_2, v_2),$$

que é não degenerado e antissimétrico também.

Notação: se (V, Ω) é um espaço vetorial simplético, denotamos por $(V, -\Omega) := \bar{V}$, que também é um evs.

3 Aula 3

Se V é um espaço vetorial real, uma *estrutura complexa* em V é um endomorfismo linear $J : V \rightarrow V$ tal que $J^2 = -\text{id}$.

Seja (V, Ω) um espaço vetorial simplético. Uma estrutura complexa em V é *compatível* com Ω se para todo $u, v \in V$,

$$g(u, v) := \Omega(u, Jv)$$

é um produto interno. (Acho que) isso implica que

$$\Omega(Ju, Jv) = \Omega(u, v), \quad \text{e} \quad \Omega(u, Ju) > 0 \quad \forall u \neq 0$$

4 Aula 4

5 Aula 5

Lembrança da última aula:

1. Definição de variedade simplética.
2. Pelo menos dois exemplos.
3. Forma de volume/orientabilidade.
4. Campos simpléticos/campos hamiltonianos.
5. Obstrução cohomológica de para estrutura simplética.

Hoje: Fibrados cotangentes.

5.1 Forma tautológica no fibrado cotangente

Seja Q uma variedade e $M := T^*Q$ o fibrado cotangente.

Lembrando Se Q é uma variedade, $x \in Q$. O *espaço tangente* em x são derivações ou classes de equivalência de curvas... base local do espaço tangente ∂_{x_i} ... base dual disso é base do espaço cotangente nesse ponto... o fibrado cotangente $\bigsqcup_{x \in Q} T_x^*Q$ é variedade suave.

O fibrado cotangente possui uma 1-forma tautológica definida assim:

Definição $\alpha \in \Omega^1(M)$, onde $M := T^*Q$, dada por

$$\alpha_p(X) = p(\pi_*(X))$$

ou seja, como X é tangente ao fibrado cotangente, ele está anclado a algum covetor, assim a gente pode avaliar ele no covetor. Também pode ser pensado como o pullback de um covetor em Q baixo a projeção cotangente usual.

Definição (Monitoria)

$$\begin{array}{c} T^*M = \{(p, \xi) | \xi : T_p M \rightarrow \mathbb{R} \text{ linear}\} \\ \downarrow \pi \\ M \end{array}$$

A *forma tautológica* é λ dada por

$$\lambda_{(p, \xi)}(v) \in \mathbb{R}, \quad v \in T_{(p, \xi)}(T^*M)$$

é igual a

$$\xi(d\pi_{(q, \xi)}(v))$$

usando o mapa

$$T_{(p, \xi)}(T^*M) \xrightarrow{d\pi_{(p, \xi)}} T_p M$$

Em coordenadas locais $(x_1, \dots, x_n, y_1, \dots, y_n)$ do espaço cotangente, temos que

$$\lambda = \sum_{i=1}^n A_i dx_i + \sum_{i=1}^n B_i dy_i$$

Avaliando λ nos vectores canónicos $\frac{\partial}{\partial x_j} \Big|_{(p, \xi)}$ e $\frac{\partial}{\partial y_j}$ notamos que $A_i = \xi\left(\frac{\partial}{\partial x_j}\right)$ pois a diferencial de π faz as B_j ser zero.

Exercício

1. A 1-forma tautológica $\alpha \in \Omega^1(T^*Q)$ é a única 1-forma satisfazendo

$$\forall \mu \in \Omega^1(Q), \quad \mu^* \alpha = \mu$$

onde pensamos a μ do lado esquerdo como um mapa $\mu : Q \rightarrow T^*Q$, ie. uma secção do fibrado cotangente, e do lado direito simplesmente como uma 1-forma em Q .

Definição $M = T^*Q$, $\alpha \in \Omega^1(M)$ então a *forma simplética canónica* de T^*Q é

$$\omega_{\text{can}} = -d\alpha$$

Observação

- $d\omega_{\text{can}} = -d^2\alpha = 0$.
- Formalmente $\omega = \sum_{i=1}^n dx_i \wedge d\xi_i$

Assim, temos uma variedade simplética canónica associada a toda variedade, $(T^*Q, \omega_{\text{can}})$.

Observação

- Dado $B \in \Omega^2(Q)$ com $dB = 0$, a forma

$$\omega_B \omega_{\text{can}} + \pi^*B$$

é simplética e o termo π^*B se chama de *magnético*.

- Se Q é Riemanniana com métrica g temos o mapa induzido

$$\begin{aligned} g^\sharp : TQ &\longrightarrow T^*Q \\ u &\longmapsto g(u, \cdot) \end{aligned}$$

Assim, o pullback the ω_{can} é uma forma simplética em TQ .

Além disso, a métrica nos fornece de uma função Hamiltoniana dada por $H \in C^\infty(TQ)$, $H(v) = \frac{1}{2}g(v, v) = \frac{1}{2}\|v\|^2$.

Veremos que o fluxo Hamiltoniano de H em (TQ, ω) é fluxo geodésico em Q .

Tem dois generalizações naturais:

- $\tilde{H}(v) = \frac{1}{2}g(u, v) + V(x)$ com $V \in C^\infty(Q)$, mecânica clássica.
- $H(v) = \frac{1}{2}g(v, v)$ com respeito a ω_B .

Pergunta (Projeto?) Existência de órbitas periódicas em níveis de energia?

Definição O *levantamento cotangente* de um difeomorfismo (na mesma direção do difeomorfismo) é $\varphi : Q_1 \xrightarrow{\sim} Q_2$ é $\hat{\varphi} = ((T\varphi)^*)^{-1}$.

Pergunta Preserva a forma canónica?

Proposição Sim. $\hat{\varphi} : T^*Q_1 \rightarrow T^*Q_2$ satisfaz $\hat{\varphi}^*\alpha_2 = \alpha_1$ onde α_i é a forma tautológica, para $i = 1, 2$. Isso implica que $\hat{\varphi}^*\omega_2 = \omega_1$.

Isso implica que temos um funtor $Q \rightsquigarrow T^*Q$ que se chama de *funtor cotangente* e permite levar problemas de geometria diferencial para a geometria simplética.

Demonstração.

$$\begin{array}{ccc} T^*Q_1 & \xrightarrow{\varphi} & T^*Q_2 \\ \downarrow \pi_1 & & \downarrow \pi_2 \\ Q_1 & \xrightarrow{\varphi} & Q_2 \end{array}$$

A chave dessa prova é que o diagrama commuta, assim pode se-trocar um termo $\pi_2 \circ \hat{\varphi}$ por $\varphi \circ \pi_1$. \square

O functor que produzimos $\text{Dif}(Q) \hookrightarrow \text{Simp}(T^*Q)$ não é fiel (surjetivo), ie. existem symplectomorfismos no fibrado cotangente que não vem de difeomorfismos na variedade.

Observação Dada uma 1-forma $A \in \Omega^1$. Pode se-produzir um mapa no cotangente simplesmente trasladando por A :

$$\begin{aligned} T_A : T^*Q &\longrightarrow T^*Q \\ (x, \xi) &\longmapsto (x, \xi + A_x) \end{aligned}$$

que não pode ser um levantamento porque se projecta na identidade!

Exercício T_A é um symplectomorfismo $\iff dA = 0$.

Mas, como sabemos quais symplectomorfismos no cotangente são sim levantamentos de difeomorfismos na variedade?

Exercício Seja $F : T^*Q \rightarrow T^*Q$ um symplectomorfismo. Quando $F = \hat{\varphi}$ é levantamento de algum $\varphi : Q \xrightarrow{\sim} Q$. Pois, isso acontece $\iff F$ preserva a forma tautológica, ie. $F^*\alpha = \alpha$.

Observação Levantamento cotangente de campos de vetores. Começa com um campo $X \in \mathfrak{X}(Q)$, integra para obter um fluxo φ_t , que é uma família de difeomorfismos na variedade, você sabe levantar isso com o functor obtendo outro fluxo (porque levantamento de fluxo é fluxo) $\hat{\varphi}_t$, e diferenciando obtém $\hat{X} \in \mathfrak{X}(T^*Q)$.

Observação Para qualquer fibrado vetorial $E \rightarrow M$, podemos ver as seções $\Gamma(E)$ como um subconjunto das funções suaves na variedade $C^\infty(E)$ —são as funções lineares nas fibras. Aí tem um modo natural de definir para qualquer campo vetorial $X \in \Gamma(TQ) \subseteq C^\infty(T^*Q)$ uma função, $H_X(p) = p(X_{\pi(p)}) = \alpha(\hat{X})$.

Proposição \hat{X} = campo Hamiltoniano de H_X .

6 Aula 6

Hoje: Colchete de Poisson, Darboux.

6.1 Colchete de Poisson

M variedade, $\omega \in \Omega^2(M)$ não degenerada (quase-simplética). Podemos fazer

$$\begin{aligned} \omega^\flat : TM &\longrightarrow T^*M \\ x &\longmapsto i_X \omega \end{aligned}$$

So that

$$f \in C^\infty(M) \rightsquigarrow X_f \in \mathfrak{X}(M)$$

e

$$i_{X_f} \omega = df.$$

Definição $f, g \in C^\infty(M)$.

$$\begin{aligned} \{\cdot, \cdot\} : C^\infty(M) \times C^\infty(M) &\longrightarrow C^\infty(M) \\ \{f, g\} &= \omega(X_g, X_f) = dg(X_f) = \mathcal{L}_{X_f} g = -\mathcal{L}_{X_g} f \end{aligned}$$

Proposição (Exercício) $d\omega = 0 \iff \{\cdot, \cdot\}$ satisfaz identidade de Jacobi. $\implies (M, \omega)$ simplética, $\{\cdot, \cdot\}$ é colchete de Lie em $C^\infty(M)$ e isso se chama de um *colchete de Poisson* em (M, ω) .

Exercício $\{f, gh\} = \{f, g\}h + \{f, h\}g$.

Exemplo \mathbb{R}^{2n} .

Definição $f, g \in C^\infty(M)$ estão em *involução* se $\{f, g\} = 0$. ie. X_g é tangente aos níveis $f = \text{const}$ (e vice versa).

Observação Nesse caso, a derivada de g ao longo das curvas integrais de X_f é zero.

Motivação (M, ω) simplética, $H \in C^\infty(M)$ queremos integrar X_H (ie. resolver $c'(t) = X_H(c(t))$). Suponha que existe $f \in C^\infty(M)$ com $\{f, H\} = 0$, chamada *integral primeira*. ie. f é constante ao longo do fluxo Hamiltoniano.

No século XIX, quando Poisson vivia, a ideia era que se temos um número suficiente de integrais primeiras "independentes", podemos "integrar" X_H . (Aqui "integrar" significa dar uma solução a equação diferencial do fluxo Hamiltoniano).

Em 1810, Poisson deu a fórmula

$$\{f, g\} = \sum_{i,j} \frac{\partial f}{\partial p_i} \frac{\partial g}{\partial q_i} - \frac{\partial f}{\partial q_i} \frac{\partial g}{\partial p_i}.$$

Teorema (Poisson) $\{f, H\} = 0 = \{g, H\} \implies \{\{f, g\}, H\} = 0$.

Teorema (Jacobi)

$$\{H, \{f, g\}\} + \{g, \{H, f\}\} + \{f, \{g, H\}\} = 0$$

1880 Lie usou essa identidade no seu trabalho de transformações (álgebras de Lie).

Versão moderna (sec. XX) de integrabilidade Veremos adiante...

Teorema (Arnold-Liouville) (M, ω) de dimensão $2n$ e seu Hamiltoniano $H = f_1$ que é a primeira de uma sequência de $n = \dim M/2$ funções independentes (as derivadas são linearmente independentes) $f_2, \dots, f_n \in C^\infty(M)$ tais que $\{f_i, f_j\} = 0$ e que $(f_1, \dots, f_n) : M \rightarrow \mathbb{R}^n$ é uma submersão. Então

$$N = \{(f_1, \dots, f_n) = \text{cte}\} \cong \mathbb{T}^n$$

se compacto e conexo. Além disso, a dinâmica de X_H em \mathbb{T}^n é quase periódica (=é um fluxo linear no toro, que pode ser racional ou irracional).

Observação (Projeto?) Qué acontece com essa dinâmica no toro se perturbamos o sistema? O problema de dois corpos é completamente integrável. Por exemplo, a dinâmica da Terra e o Sol pode se resolver, mas o problema adicionando a Lua é o problema de 3 corpos, que ninguém sabe como resolver. Aqui a Lua é uma perturbação.

Teorema KAM, quanto mais irracional é o fluxo, mais robusto é o toro, mais inestável.

Em fim, tudo isso para motivar os colchetes de Poisson.

6.2 Teorema de Darboux

(M, ω) variedade simplética com o colchete $\{\cdot, \cdot\}$.

Observação

1. ω está completamente determinada por $\{\cdot, \cdot\}$, ie. se duas estruturas simpléticas dão lugar ao mesmo colchete de Poisson, elas são iguais. Por que?

$$\omega^\sharp : T^*M \longrightarrow TM$$

está dada em cada ponto por

$$(\omega^\sharp)_{ij} = \{x_i, x_j\}$$

por definição.

(My interpretation) Especificamente, considere coordenadas de Darboux $(x^1, \dots, x^n, y^1, \dots, y^n)$ em M . Em [?], eq. 22.9 vemos que para qualquer função $f \in C^\infty(M)$, o seu campo Hamiltoniano está dado por

$$X_f = \sum_{i=1}^n \left(\frac{\partial f}{\partial y^i} \frac{\partial}{\partial x^i} - \frac{\partial f}{\partial x^i} \frac{\partial}{\partial y^i} \right)$$

assim,

$$X_{x^i} = -\frac{\partial}{\partial y^i}, \quad X_{y^i} = \frac{\partial}{\partial x^i}.$$

Isso é uma base do espaço tangente. De fato, para qualquer base v_1, \dots, v_n de um espaço vetorial com base dual v_1^*, \dots, v_n^* , se $w = \sum_i w^i v_i$, é super básico que

$$\omega(v_i, w) = \omega\left(v_i, \sum_j w^j v_j\right) = \sum_j \omega(v_i, v_j) w^j = \sum_j \omega(v_i, v_j) v_j^*(w)$$

ie.

$$i_{v_i} \omega = \omega(v_i, \cdot) = \sum_j \omega(v_i, v_j) v_j^*$$

Daí, em coordenadas,

$$\omega^b(v_i) = \begin{pmatrix} \omega(v_i, v_1) \\ \vdots \\ \omega(v_i, v_n) \end{pmatrix}$$

ou seja

$$\omega^b = \begin{pmatrix} \omega(v_1, v_1) & \cdots & \omega(v_n, v_1) \\ \vdots & & \vdots \\ \omega(v_1, v_n) & \cdots & \omega(v_n, v_n) \end{pmatrix}$$

Agora note que os vetores Hamiltonianos associados as coordenadas de Darboux $(x^1, \dots, x^n, y^1, \dots, y^n)$ satisfazem as relações do seguinte item nesta observação (pode comprovar isso usando a fórmula do colchete de Poisson em coordenadas de Darboux). Daí, nessa base de vetores Hamiltonianos,

$$\omega^b = \begin{pmatrix} 0 & -I \\ I & 0 \end{pmatrix}$$

Mas que não é que a gente tava buscando ω^\sharp ? Pois é, essa matriz elevada ao quadrado é $-\text{id}$, daí a sua inversa é só botar um signo menos...

2. A estrutura simplética canónica $\omega_0 = \sum_i dp_i \wedge dp_i$ em \mathbb{R}^{2n} está determinada (é a única tal que) por

$$\{q_i, q_j\} = 0 = \{p_i, p_j\}, \quad \{p_i, q_j\} = \delta_{ij}.$$

É como se tivesse uma base simplética boa em todos os pontos...

Teorema (Darboux) (M, ω) simplética, ent...ão ao redor de todo ponto $x \in M$ existem coordenadas locais $(q_1, \dots, q_n, p_1, \dots, p_n)$ tais que $\omega = \sum_{i=1}^n dq_i \wedge dp_i$, ou, equivalentemente vale

$$\{q_i, q_j\} = 0 = \{p_i, p_j\}, \quad \{p_i, q_j\} = \delta_{ij}.$$

Tem um lema que va a provar essencialmente tudo.

Lemma (Primeiro passo da indução) Ao redor de qualquer ponto $x \in M$ existem coordenadas $(q, p, y_1, \dots, y_{2n-2})$ tais que

$$1 = \{p, q\}, \quad \{p, y_j\} = 0 = \{q, y_j\}, \quad \{y_i, y_j\} = \varphi_{ij}(y).$$

Ou seja, a matriz da forma é

$$\begin{pmatrix} \begin{pmatrix} 0 & -1 \\ 1 & 0 \end{pmatrix} & 0 & 0 & \dots & 0 \\ 0 & & & & \\ 0 & & A(y) & & \\ 0 & & & & \end{pmatrix}$$

ou seja, temos uma expressão

$$\omega = dq \wedge dp + \omega_N$$

onde ω_N é dada por $A(y)$ e é simplética.

Demonstração do Lema **Paso 1** Seja p uma função tal que $X_p(x) \neq 0$. Pelo teorema de fluxo tabular (retificação) existe uma função q tal que $X_p = \frac{\partial}{\partial q}$, de modo que $\{p, q\} = dq(X_p) = 1$ e $dp(X_q) = -1$.

Paso 2 Então X_p e X_q são linearmente independentes, pois $1 = \{p, q\} = \omega(X_p, X_q) \neq 0$, o que aconteceria por antisimetria se são linearmente dependentes. Além disso, comutam, pois

$$[X_p, X_q] \stackrel{\text{aula passada?}}{=} X_{\{p, q\}=1} = 0.$$

Agora usamos a generalização do teorema do fluxo tabular: se X_1, \dots, X_k são campos linearmente independentes e que comutam, então existem coordenadas (x_1, \dots, x_n) tais que $X_i = \frac{\partial}{\partial x_i}$. (Teo. função inversa.) Assim, existem coordenadas locais y_1, \dots, y_{2n} tais que

$$X_q = \frac{\partial}{\partial y_{2n-1}}, \quad X_p = \frac{\partial}{\partial y_{2n}}.$$

Logo

$$dy_j(X_q) = 0 = dy_j(X_p)$$

para $j = 1, \dots, 2n-2$.

Paso 3 As diferenciais

$$dq, dp, dy_1, \dots, dy_{2n-2}$$

são linearmente independentes, pois se

$$adq + bdp + \sum_i c_{ij} dy_i = 0$$

pois as y_i já são LI, e avaliando em X_i obtemos $a = 0$, e no X_q que $b = 0$.

Temos um sistema de coordenadas $(q, p, y_1, \dots, y_{2n-2})$ ao redor de x tal que as condições do teorema salvo a última se cumprem. Agora veamos que $\{y_i, y_j\}$ não depende de p, q .

Paso 4 Só lembrar que

$$X_q = -\frac{\partial}{\partial p}, \quad X_p = \frac{\partial}{\partial q}$$

assim

$$\frac{\partial}{\partial p} \{y_i, y_j\} = -\{q, \{y_i, y_j\}\} = 0$$

onde a segunda igualdade é Jacobi. Fim.

□

Demonstração do Teo. Darboux. Segue do lema por indução

□

Definição Uma *estrutura de Poisson* em uma variedade M é

$$\{\cdot, \cdot\} : C^\infty(M) \times C^\infty(M) \longrightarrow C^\infty(M)$$

\mathbb{R} -bilinear, antisimétrica, Jacobi e Leibniz, ie. $\{f, gh\} = \{f, g\}h + \{f, h\}g$.

Exemplo

- (M, ω) simplética com $\{f, g\} = \omega(X_g, X_f)$.

7 Aula 7

Na aula passada vimos:

- Colchetes de Poisson.
- Teorema de Darboux. Prova: demonstrar que tem relações que caracterizam a forma de maneira única.
- É possível descrever estruturas simpléticas em termos de colchete de Poisson.: Variedades de Poisson. Isso é axiomatizar as propriedades básicas do colchete de Poisson. Esses objetos podem ser entendidos como foliações simpléticas.

7.1 Subvariedades

Seja (M, ω) simplética e $N \xrightarrow{i} (M, \omega)$. Então temos

$$\omega_N = i^* \omega \in \Omega^2(N)$$

que é fechada porque o pullback comuta com derivada exterior.

$$\begin{aligned} \ker(\omega_N) &= \{X \in TN : \omega(X, Y) = 0 \ \forall Y \in TN\} \\ &= TN \cap TN^\omega \subseteq TN \end{aligned}$$

7.2 Pausa para distribuições

P variedade.

Definição Uma *distribuição (generalizada)* em P é

$$P \ni x \longmapsto D_x \subseteq T_x P \text{ subespaço}$$

e o posto da distribuição em $x := \dim D_x$.

A distribuição é *suave* se para todo $x_0 \in P$, $\forall v \in D_{x_0}$ existe um campo vetorial $X \in \mathfrak{X}(P)$ que estende a v e está contido na distribuição no sentido de que $X_x \subseteq D_x \forall x$ e $X_{x_0} = v$.

Exemplo Núcleo de 2-formas é um exemplo de distribuição, mas não é suave em geral.

Definição Uma distribuição suave $D \subseteq TP$ é dita *integrável* se $\forall x \in P$ existe uma subvariedade $S \ni x$, $TS = D|_S$

No caso de uma distribuição (suave) integrável, por todo ponto passa uma subvariedade integral conexa maximal chamadas *folhas*.

Observação

- Distribuição suave, de posto constante é a mesma coisa que um subfibrado vetorial $D \subseteq TP$. Nesse caso,

Teorema (Frobenius) D é integrável se e somente se é *involutivo*, ou seja

$$[\Gamma(D), \Gamma(D)] \subseteq \Gamma(D).$$

Demonstração. Note que \implies é trivial porque se tem uma variedade que realiza a distribuição, o colchete de Lie sempre vai ser outro campo vetorial tangente. \square

- Suponha que $D = \ker(\omega)$ com $\omega \in \Omega^2(P)$ é suave $\iff D$ tem posto constante. Aqui \impliedby é fácil.
- Se $d\omega = 0 \implies D = \ker \omega$ é involutivo.

Conclusão Se ω é uma 2-forma fechada e $D = \ker \omega$ tem posto constante, dá lugar a uma folheação (regular=folhas de mesma dimensão) em P .

7.3 Voltando

Definição N é dita

- *isotrópica* quando $T_x N \subseteq T_x N^\omega \iff \omega_N = 0 \iff \ker \omega_N = TN$.
- *coisotrópica* quando $T_x N^\omega \subseteq T_x N$.
- *lagrangiana* quando $T_x N = T_x N^\omega \iff i^* \omega = \omega_N = 0$ e $\dim N = \dim M/2$.
- *simplética* $T_x N \cap (T_x N)^\omega = \{0\} \forall x \in N \iff \omega_N$ é simplética.

- *posto constante* $T_x N \cap T_x N^\omega \subseteq T_x N \ \forall N$ tem posto constante.

Exemplo

- curvas são isotrópicas.
- hipersuperfícies são coisotrópicas.
- Veremos vários exemplos de subespaços lagrangianos.

7.3.1 Sobre subvariedades coisotrópicas

Isto também vale para subvariedades de posto constante.

Vamos ver uma versão geométrica de um exercício da lista 1, onde pegamos o quociente de um espaço vetorial por el núcleo de uma forma para obter um espaço vetorial simplético.

Exercício Suponha que as folhas da folheação são fibras de uma submersão

$$\begin{array}{ccc} N & \hookrightarrow & (M, \omega) \\ q \downarrow & & \\ B = N / \sim & & \end{array}$$

então existe uma forma simplética $\bar{\omega} \in \Omega^2(B)$ tal que $q^* \bar{\omega} = \omega_N$.

Exemplo O fluxo hamiltoniano do oscilador harmónico $H(p, q) = \frac{1}{2} \sum_i q_i^2 + p_i^2$ com $c = 1/2$ de \mathbb{CP}^{n-1}

Exercício $\psi : M \rightarrow \mathbb{R}^k, \psi = (\psi_1, \dots, \psi_k)$. $N = \psi^{-1}(c)$ para c valor regular.

- N coisotrópico $\iff \{\psi_i, \psi_j\}|_N = 0$.
- N simplético $\iff (\{\psi_i, \psi_j\}|_N)_{ij}$ é invertível.

8 Aula 8

Lembre:

- Subvariedades lagrangianas, (co-)isotrópicas, simpléticas. Aprofundamos nas coisotrópicas (posto constante), como as hipersuperfícies ou conjuntos de nível, que tem uma folheação, e com condições de regularidade pode passar para o espaço quociente, que é simplético, como \mathbb{CP}^n .

8.1 Alguns exemplos de subvariedades lagrangianas

Exemplo Dois variedades simpléticas e um difeomorfismo entre elas. Então φ é symplectomorfismo se e só se seu gráfico é lagrangiano. Talvez isso pode ser usado para pensar em symplectomorfismos em um objeto cuantico.

Observação Considere

$$\begin{aligned}\varepsilon : M_1 &\longrightarrow M_1 \times M_2 \\ x &\longmapsto (x, \varphi x)\end{aligned}$$

então o grafo de φ é lagrangiano $\iff \omega_1 - \varphi^* \omega_2$.

Exemplo (no fibrado cotangente)

- A seção zero $Q \hookrightarrow T^*Q$ é nos mostra que Q é uma subvariedade lagrangiana.
- A fibra (cotangente) de um ponto também é uma subvariedade lagrangiana de T^*Q .
- Logo, o espaço de fibras?
- Pegue uma subvariedade da base $S \subset Q$. Considere o *fibrado conormal* N^*S, ν_S^* . É o dual do fibrado tangente. É o anulador de $TS, \{(\chi, \xi) \in T^*Q : \chi \in S, \xi|_{T\chi S} = 0\}$. Note que é um subfibrado do fibrado cotangente.

Os dois exemplos anteriores são $S = Q$ e $S = \{x\}$ da seguinte prop:

Proposição $N^*S \hookrightarrow T^*Q$ é (um subfibrado) uma subvariedade lagrangiana.

Demonstração. Usando coordenadas adaptadas e a forma tautológica do T^*Q , damos coordenadas N^*Q da forma $(x_1, \dots, x_k, \xi_{k+1}, \dots, \xi_n)$ e assim o pullback da forma tautológica é zero porque ele avalia os covectores ξ_{grande} em vectores x_{pequeno} . \square

Exemplo Uma forma μ vista como seção do fibrado cotangente pode ser pensada como um mergulho de Q em T^*Q .

Proposição Essa subvariedade é lagrangiana $\iff d\mu = 0$.

8.2 Método de Moser

Upshot Moser's trick is a thing that gives you a diffeomorphism that pulls back ω_2 to ω_1 .

Dadas duas formas simpléticas numa variedade, como podemos achar um symplectomorfismo entre elas? A ideia do método é assim:

Step 1 Interpolando as duas formas mediante uma família contínua ω_t de formas simpléticas.

Step 2 Buscar uma (isotopía) família de difeomorfismos φ_t com $\varphi_0 = \text{id}$ e tal que $\varphi_t^* \omega_t = \omega_0$. Com isso a gente procura levar o problema para uma EDO.

Step 3 Os fluxos são isotopías com uma relação de comutatividade. Eles correspondem com campos vetoriais. As isotopías em geral estão em correspondência com *campos de vetores não autónomos*.

Definição Uma família suave de difeomorfismos $\{\varphi_t\}$ com $\varphi_0 = \text{id}$ é chamada *isotopía*. Suave significa que $(t, x) \mapsto \varphi_t(x)$ é suave.

Exemplo Fluxos (complets) são isotopías tq $\phi_s \circ \phi_t = \phi_{s+t}$.

Definição Um *campo de vetor t-dependente* ou *não autónomo* é família suave de campos $X_t \in \mathfrak{X}(M)$. De novo, suave é que $(t, x) \mapsto X_t(x)$ é suave.

isotopía \leftrightarrow campos t-dependentes

A diferenciação sempre é simples né? Fixa um ponto e varia o tempo, obtém uma curva.

$$\phi_t \mapsto X_t(\varphi_t(x)) = \left. \frac{d}{d\tau} \right|_{t=\tau} \varphi_\tau(x).$$

A recíproca é mais difícil. A ideia é estender a variedade a $M \times \mathbb{R}$, e considerar $\bar{X}(x, t) = (X_t(x), \frac{d}{dt})$. Esse depende do tempo, assim podemos achar um fluxo ϕ_t de \bar{X}_t . Aqui se deve estender o fluxo usando bump functions, assim a gente tem que ϕ_t está definido para toda t .

Note que $\phi_t(x, s) = (G_t, t + s)$ para alguma função G na variedade. Podemos achar uma inversa dela assim:

$$(x, s) = \phi_{-t}(\phi_t(x, s)) = G_{-t}(G_t(x, s), t + s), s)$$

ie. a inversa de

$$x \mapsto G_t(x, s)$$

é

$$y \mapsto G_{-t}(y, s + t)$$

Logo,

$$\phi_t(x) = G_t(x, 0)$$

é uma isotopía e como a derivada do fluxo

$$\frac{d}{dt} \phi_t(x, 0) = \bar{X}(G_t(x, 0), t) \implies \frac{d}{dt} G_t(x, 0) = X_t(x, 0).$$

E é isso. Temos a correspondencia.

Voltando ao método de Moser, para achar $\varphi^* \omega_1 = \omega_0$, pegamos uma isotopía que puxa ω_t em ω_0 , e queremos diferenciar a isotopía. No caso de um fluxo, trata-se da derivada de Lie por definição.

Lemma $\{\varphi_t\}$ isotopia em M , $\{X_t\}$ campo autónomo. Sejam $\eta \in \Omega^k(M)$, $\beta_t \in \Omega^k(M)$. Então vale:

$$\frac{d}{dt}(\varphi_t^* \epsilon) = \varphi_t^* (\mathcal{L}_{X_t} \eta$$

onde estamos pegando a derivada num tempo t fixo. Daí veremos que pela regra da cadeia segue que

$$\frac{d}{dt}(\varphi_t^* \beta_t) = \varphi_t^* (\mathcal{L}_{X_t} \beta_t + \frac{d}{dt} \beta_t$$

Demonstração. a. Considere os seguintes operadores em Ω^\bullet :

$$Q_1(\eta) = \frac{d}{dt} \varphi_t^* \eta, \quad Q_2(\eta) = \varphi_t^* \mathcal{L}_{X_t} \eta$$

Daí note que esses operadores comutam com a derivada exterior, são Leibniz respeito ao producto cunha e coincidem em funções. Daí segue que $Q_1 = Q_2$.

b. A regra da cadeia diz que para uma função $F(a, b)$,

$$\frac{d}{dt} F(t, t) = \frac{\partial}{\partial a} F(t, t) + \frac{\partial}{\partial b} F(t, t)$$

e olha para $\varphi_a^* \beta_b$ como a F . Sustiundo e usando a ., o resultado segue.

□

Uma aplicação disso é

Teorema (de estabilidade de Moser) M compacta, $\{\omega_t\}$ formas simpléticas, $t \in [0, 1]$. Se as formas são todas cohomologas então elas são symplectomorfas, i.e. $[\omega_t] = [\omega_0] \implies \exists \phi_t$ tq $\phi_t^* \omega_t = \omega_0$. Ou, de outra forma, se existe uma família suave de formas β_t tais que

$$\omega_t = \omega_0 + d\beta_t$$

então existe uma isotopia $\{\varphi_t\}$ tal que $\varphi_t^* \omega_t = \omega_0$.

Demonstração. Note que não é imediato que as clases de cohomologia nos dem uma família suave, mas é equivalente sim (usando decomposição de Hodge? Tem algo mais simples?). O método é achar um campo de vetores autónomo resolvendo

$$i_{X_t} \omega_t = -\frac{d}{dt} \beta_t$$

pois dela segue que

$$\mathcal{L}_{X_t} \omega_t = -d \left(\frac{d}{dt} \beta_t \right)$$

E daí a segunda afirmação do lema.

□

9 Aula 9

Lembre: Método de Moser.

A prova foi:

Demonstração. Calcule

$$\frac{d}{dt} \varphi_t^* \omega_t = 0$$

isso implica que

$$\mathcal{L}_{X_t} \omega_t = -d \left(\frac{d}{dt} \beta_t \right)$$

e isso que

$$i_{X_t} \omega_t = -\frac{d}{dt} \beta_t$$

□

Com isso conseguimos associar uma isotopia a um campo t -dependente (integração).

9.1 Aplica ção ao teorema de Darboux

Lemma X_t campo de vetores t -dependente, $t \in \mathbb{R}$. Suponha que

$$X_t|_{x_0} = 0 \quad \forall t.$$

Então existe uma vizinhança $U \ni x_0$ e uma família $\varphi_t : U \rightarrow M$ de

- (Inclusão) $\varphi_0 = \text{id}$.
- $\frac{d}{dt} \varphi_t(x) = X_t(\varphi_t(x))$
- $\varphi_t(x_0) = x_0$
- $\varphi_t : U \xrightarrow{\text{difeo}} \varphi_t(U)$.

Demonstração. Variação do caso M compacto

$$\bar{X}(x, t) := \left(X_t(x), \frac{d}{dt} \right) \quad \text{em } M \times \mathbb{R}$$

$$\bar{X}(x_0, t) = \left(0, \frac{d}{dt} \right)$$

assim existe uma curva integral $\gamma(t) = (x_0, t)$ de \bar{X} por $(x_0, 0)$ está definida para toda $t \in \mathbb{R}$.

Por EDO, existe uma vizinhança W de $(x_0, 0)$ em $M \times \mathbb{R}$ onde o fluxo de \bar{X} existe $\forall t \in [0, 1]$.

Tome $U = \bigcap_{w \in \{M \times \{0\}\}} W$.

□

Valem a fórmula para $\frac{d}{dt}(\varphi_t^* \omega_t) \dots$

Teorema (Darboux) (M, ω) simplética, $\dim M = 2n$. Para todo $x \in M$ existe uma vizinhança $U \ni x$, aberto $0 \in V \subseteq \mathbb{R}^{2n}$ e um difeomorfismo

$$\begin{aligned} \phi : V \subseteq \mathbb{R}^{2n} &\longrightarrow U \subseteq M \\ 0 &\longmapsto x \end{aligned}$$

tal que

$$\phi^* \omega = \sum_i dq_i \wedge dp_i.$$

[Desenho de carta coordenada]

Demonstração. Podemos assumir que M é bola aberta de \mathbb{R}^{2n} com estrutura simplética ω arbitrária.

Para usar o método de Moser, definamos

$$\begin{aligned} \omega_1 &= \omega \\ \omega_0 &= \sum_i dq_i \wedge dp_i \end{aligned}$$

Podemos assumir que na origem

$$\omega_1|_{x=0} = \omega_0|_{x=0} \quad T_0 \mathbb{R}^{2n} = \mathbb{R}^{2n}$$

simplesmente porque qualquer dois formas simpléticas são equivalentes num espaço vetorial simplético usando uma mudança de coordenadas.

- Podemos assumir pelo Lema de Poincaré que

$$\omega_1 - \omega_0 = d\beta, \quad \beta|_0 = 0$$

supondo pela mesma razão que antes que $\beta|_0 = 0$.

- $\omega_t = (1-t)\omega_0 + t\omega_1 \iff \omega_t = \omega_0 + t d\beta$

Precisamos checar que ω_t são não degeneradas numa vizinhança de 0.

Note que em $x = 0$, $\omega_t|_{x=0} = \omega_0|_{x=0} = \omega_1|_{x=0}$, assim $\omega_t|_{x=0}$ é não degenerada para toda t , mas precisamos de uma vizinhança, não só um ponto.

Lemma Se tem uma família $\omega_t|_{x_0}$ é simplética $\forall t, t \in [0, 1]$, então existe uma vizinhança de x_0 onde ω_t é não degenerada $\forall t \in [0, 1]$.

Demonstração. Considere

$$(x, s) \rightarrow \det(\omega_s(x)) = \text{determinante da matriz que representa a forma}$$

essa função é não zero em zero, assim para cada t existe uma vizinhança onde ela não é zero. Logo, pela compacidade de $[0, 1]$, \exists uma vizinhança $B \ni x_0$ onde $\det(\omega_s(x))$ não se anula $\forall s \in [0, 1]$. \square

Então já temos essa vizinhança que precisavamos.

Defina X_t como a solução da equação de Moser:

$$i_{X_t} \omega_t = -\beta.$$

Como $\beta|_0 = 0 \implies X_t|_{x=0} = 0 \implies \exists \varphi_t, t \in [0, 1]$.

Pelo lema 1, existe uma vizinhança $V \ni 0$ e

$$\begin{aligned} \varphi_t : V &\longrightarrow B \\ \varphi_t^* \omega_t &= \omega_0 \end{aligned}$$

tome $t = 1, 0 \in U = \varphi_1(V)$. □

Com esse mesmo método a gente consegue provar uma generalização do teorema de Darboux.

9.2 Teorema de Darboux generalizado (Weinstein)

Teorema $Q \xhookrightarrow{i} M$ subvariedade (mergulhada) e ω_0, ω_1 em M simpléticas. Suponha que

$$\omega_0|_x = \omega_1|_x \quad \forall x \in Q$$

então existem vizinhanças U_0 e U_1 de Q em M e um difeomorfismo

$$\varphi : U_0 \xrightarrow{\sim} U_1$$

tal que

$$\varphi^* \omega_1 = \omega_0$$

e que $\varphi(x) = x \quad \forall x \in Q$

Observação O teorema de Darboux é quando Q é um ponto só!

Observação A condição $\omega_0|_x = \omega_1|_x$ significa que ω_0 e ω_1 coincidem em todo o espaço tangente a M nos pontos de Q , não é que o pullback em Q coincide. Tem mais vetores no espaço tangente a M .

Vamos precisar de um Lema de Poincaré relativo.

Lemma $Q \hookrightarrow M$ subvariedade. Seja $\eta \in \Omega^k(M)$, $d\eta = 0$, $i^* \eta = 0$. Então existe uma vizinhança U de Q em M , $\beta \in \Omega^k(U)$ tal que

$$\begin{aligned} \eta &= d\beta \\ \beta|_x &= 0, \quad \forall x \in Q \end{aligned}$$

$(\beta|_{T_x M} = 0 \quad \forall x \in Q)$.

A ideia aqui é simplesmente que podemos achar uma vizinhança de Q que se contrae a Q (retrato por deformação?)

Demonstração. Em fim, pelo lema, para $\eta = \omega_1 - \omega_0$, $i^*\eta = 0$. Compare com a demonstração anterior, β se anulava no 0, agora η se anula em toda Q (é uma versão paramétrica disso).

$Q \hookrightarrow M$ tem vizinhança U onde $\exists \beta \in \Omega^1(U)$,

$$\omega_1 - \omega_0 = d\beta, \quad \beta|_x = 0$$

- Seja $\omega_t = (1 - t)\omega_0 + t\omega_1 = \omega_0 + td\beta$.
- $\forall t \in [0, 1], x \in Q, \omega_t|_x = \omega_0|_x = \omega_1|_x$.

Pelo lema 2, x tem vizinhança em M onde ω_t é simplética $\forall t \in [0, 1]$.

Tomando a união das vizinhanças, temos vizinhança de Q onde ω_t simplético $\forall t \in [0, 1]$.

Método

- Define X_t por $i_{X_t}\omega = -\beta$. Isso implica que $\frac{d}{dt}\varphi_t^*\omega_t = 0$.
- Como $\beta|_x = 0$, então $\forall x \in Q, X_t|_x = 0 \forall x \in Q$.
- Pelo lema 1, $\exists U_0$ onde φ_t está definido $\forall t \in [0, 1]$.
- E mais $X_t|_Q = 0 \implies \varphi_t|_Q = \text{id}_Q$.
- Tome $\phi = \varphi_1$ e $U_1 = \varphi_1(U_0)$.

□

9.2.1 Sobre o Lema de Poincaré relativo

O principal ingrediente é teorema da vizinhança tubular.

Lembre:

Teorema (Vizinhança tubular) $Q \hookrightarrow M$ subvariedade mergulhada. Existe uma vizinhança $Q \subseteq U \subseteq M$ para qual existe $\pi : U \rightarrow Q$ tal que

$$\begin{aligned} \pi \circ i &= \text{id}_Q \\ i \circ \pi &\simeq \text{id}_U, \quad (\text{homotopia suave}) \end{aligned}$$

Daí, o lema de Poincaré segue a existencia de um *operador de homotopia*.

Em geral, quando temos uma homotopia

$$\begin{aligned} F : M \times [0, 1] &\longrightarrow N \\ F_0 : M &\longrightarrow N \\ F_1 : M &\longrightarrow N \end{aligned}$$

exsite um operador

$$H : \Omega^k(M) \rightarrow \Omega^{k-1}(M)$$

tal que

$$F_1^*\eta - F_0^*\eta = d(H\eta) - Hd\eta$$

Note que no caso de formas fechadas, o termo da direita se anula e a gente prova a invariança homotópica da cohomologia. No nosso caso, o operador de homotopia nos dá $\eta = dH\eta$ á que $d\eta$ se anula em Q .

9.2.2 Vizinhança tubular

Teorema Existe uma vizinhança U_0 de Q em NQ e uma vizinhança U_1 de Q em M tais que

- $U_0 \cap (NQ)_x$ é convexo $\forall x \in Q$.
- Existe um difeomorfismo $\phi : U_0 \xrightarrow{\sim} U_1$ tal que $\phi(x) = x$, e $d\phi|_x : T_x(NQ) \xrightarrow{\text{id}} TM|_x$

Demonstração. Ideia: aplicação exponencial. □

9.3 Monitoria 2

Proposição $\phi : M^{2n} \rightarrow \mathbb{R}^k$ suave, $c \in \mathbb{R}^k$ valor regular.

$$N := \phi^{-1}(c) \text{ coisotrópica} \iff \{\phi_i, \phi_j\}|_N = 0$$

10 Aula 10

Lembre

- Darboux generalizado: duas formas numa subvariedade que coincidem nos pontos da subvariedade, existem vizinhanças da subvariedade symplectomorfas.
- A prova disso: usa método de Moser. Para usar o método de Moser:

Lemma (Poincaré relativo) $Q \xrightarrow{i} M$. $\eta \in \Omega^k(M)$ fechada e tal que $i^*\eta = 0$. Então existe vizinhança $U \supset Q$ e $\beta \in \Omega^{k-1}(U)$ tal que $\eta = d\beta$ e $\beta|_Q = 0$.

(O lema de Poincaré usual é quando Q é um ponto)

Demonstração do lema de Poincaré. Aí tem que mergulhar Q no fibrado tangente NQ que é um fibrado que não precisa de métrica para ser definido. Porém, na prova a gente introduz uma métrica em Q e identifica NQ com $T^\perp Q$. Daí usando a aplicação exponencial conseguimos ver que Q é um retrato por deformação de uma vizinhança dele no M —a exponencial é a ponte de NQ [a Q].

Isso dá uma homotopia

$$\begin{aligned} F_t : U_0 &\longrightarrow U_0 \\ (x, v) &\longmapsto (x, tv) \\ F_0 &= i \circ \pi \\ F_1 &= \text{id}_{U_0} \end{aligned}$$

Daí é só pegar o operador de homotopia

$$\mathcal{H} : \Omega^k(\mathcal{U}_0) \rightarrow \Omega^{k-1}(\mathcal{U}_0)$$

que é tal que

$$F_1^* \eta = F_0^* \eta = \mathcal{H}(d\eta) + d(\mathcal{H}\eta)$$

Afirmção O operador de homotopia é

$$H(\eta) = \int_0^1 I_t^* i_{\frac{\partial}{\partial t}}(F^* \eta) dt$$

onde

$$\begin{aligned} F : [0, 1] \times \mathcal{U}_0 &\longrightarrow \mathcal{U}_0 \\ (t, y) &\longmapsto F_t(y) \end{aligned}$$

e

$$\begin{aligned} I_t : \mathcal{U}_0 &\longrightarrow [0, 1] \times \mathcal{U}_0 \\ y &\longmapsto (t, y) \end{aligned}$$

de forma que

$$F_t = F \circ I_t$$

Notação Seja

$$\begin{aligned} \tau_t : \mathbb{R} \times \mathcal{U}_0 &\longrightarrow \mathbb{R} \times \mathcal{U}_0 \\ (x, y) &\longmapsto (s + t, y) \end{aligned}$$

de forma que

$$I_t = \tau_t \circ I_0, \quad F_t = F \circ I_t = F \circ \tau_t \circ I_0$$

e a conta que a gente faiz é

$$\begin{aligned} \frac{d}{dt} F_t^* \eta &= I_0^* \frac{d}{dt} \tau_t^* (F^* \eta) \\ &= I_0^* \tau_t^* (\mathcal{L}_{\frac{\partial}{\partial t}} F^* \eta) \\ &\stackrel{\text{Cartan}}{=} I_0^* \tau_t^* \left(d i_{\frac{\partial}{\partial t}} F^* \eta + i_{\frac{\partial}{\partial t}} d(F^* \eta) \right) \\ &= d \left(I_t^* i_{\frac{\partial}{\partial t}} F^* \eta + I_t^* i_{\frac{\partial}{\partial t}} F^* (d\eta) \right) \end{aligned}$$

e aí integramos para obter

$$F_1^* \eta - F_0^* \eta = d(H\eta) + H(d\eta)$$

Se $d\eta = 0$, $i^* \eta = 0$, $\implies \eta = d(H\eta)$. Defina $\beta = H\eta$. Como $F_t(x, 0) = (x, 0) \forall x \in Q$, assim

$$\frac{\partial}{\partial t} F_t(x, 0) = 0 \implies i_{\frac{\partial}{\partial t}} dF_t|_{x \in Q} = 0$$

e por fim

$$\beta|_x = 0.$$

□

10.1 Darboux generalizado versão 2.0

No teorema anterior pode imaginar que cada vizinhança de Q é uma variedade diferente. Mas então a condição de que as duas formas sejam iguais acima de Q já não faz sentido. Precisamos de um isomorfismo simplético entre esses espaços tangentes.

Teorema (Teorema de Darboux generalizado Versão 2.0)

$$\begin{array}{ccc} (M_0, \omega_0) & & (M_1, \omega_1) \\ & \nwarrow i_0 \quad \nearrow i_1 & \\ & Q & \end{array}$$

Suponha que temos um isomorfismo de fibrados simpléticos

$$\begin{array}{ccc} TM_0|_Q & \xrightarrow{\phi} & TM_1|_Q \\ & \searrow \quad \swarrow & \\ & Q & \end{array}$$

tal que $\phi|_{TQ} : TQ \rightarrow TQ$ é id_{TQ} .

Então ϕ estende à derivada de um symplectomorfismo

$$\begin{array}{ccc} U_0 \subset M_0 & \xrightarrow{\psi} & U_1 \subset M_1 \\ & \nwarrow \quad \nearrow & \\ & Q & \end{array}$$

i.e.,

$$d\phi|_Q = \phi : TM_0|_Q \rightarrow TM_1|_Q$$

Em palavras: a derivada do symplectomorfismo (entre as vizinhanças de M_1 e M_2) que obtemos é estendida pelo isomorfismo simplético dos fibrados tangentes dado.

Demonstração. Podemos reduzir ao caso anterior! Basta achar um difeomorfismo $\psi : U_0 \rightarrow U_1$ tal que $\psi|_Q = \text{id}_Q$ e que $d\psi|_Q = \phi$. Nesse caso, ω_0 e $\psi^*\omega_1$ são duas formas em U_0 que coincidem sobre $TM_1|_Q$. Vamo lá

Tome dois complementos

$$\begin{array}{l} E_0, \quad TM_0|_Q = TQ \oplus E_0 \\ E_1, \quad TM_1|_Q = TQ \oplus E_1 \end{array}$$

Então como ϕ preserva TQ , ele também preserva os complementos, é só álgebra linear. Isto é, ϕ se restringe a um isomorfismo

$$\bar{\phi} : E_0 \rightarrow E_1$$

Note que

$$\bar{\phi}|_Q : TE_0 \cong TQ \oplus E_0 \rightarrow TE_1 \cong TQ \oplus E_1$$

Aqui estamos pegando a derivada do isomorfismo nos fibrados. O importante é que como ele é linear, sua derivada é ele mesmo (só que aí aparecem muitas identificações):

$$d\bar{\phi}|_Q = \text{id} \oplus \bar{\phi} = \phi$$

Agora pegamos vizinhanças tubulares de Q , $V_0 \subset E_0$ e $V_1 \subset E_1$ e usando a exponencial como antes podemos contraer

$$\begin{array}{ccc} V_0 & \xrightarrow{\phi} & V_1 \\ \downarrow \phi_0 = \text{exp} & & \downarrow \phi_1 \\ U_0 \subset M_0 & \xrightarrow{\psi} & U_1 \subset M_1 \end{array}$$

e todo comuta:

$$\psi = \phi_1 \circ \bar{\phi} \circ \phi^{-1} : U_0 \xrightarrow{\cong} U_1$$

e por fim

$$d\psi|_Q = \text{id} \circ d\bar{\phi} \text{id} = \phi$$

□

Agora um caso particular:

$$\begin{array}{ccc} (M, \omega) & & T^*\mathcal{L} \\ & \swarrow i & \nearrow i \\ & \mathcal{L} & \end{array}$$

onde Q está dentro do fibrado cotangente como a seção zero.

10.2 Teorema das vizinhanças Lagrangianas de Weinstein

Teorema (das vizinhanças Lagrangianas de Weinstein) (As subvariedades Lagrangianas estão definidas "intrinsecamente", pois existe uma vizinhança delas que é simplectomorfa a ela como subvariedade no cotangente dela)

Existem vizinhanças $U_0 \ni \mathcal{L}$ em $T^*\mathcal{L}$ e $U_1 \ni \mathcal{L}$ em M e um simplectomorfismo

$$\varphi : U_0 \rightarrow U_1$$

Demonstração. Só precisamos de um ϕ como no Darboux 2, i.e.,

$$\phi : TM|_{\mathcal{L}} \longrightarrow T(T^*\mathcal{L})|_{\mathcal{L}}$$

tal que

$$\phi|_{T\mathcal{L}} : T\mathcal{L} \rightarrow T\mathcal{L} = \text{id}_{T\mathcal{L}}$$

Lemma Suponha que $\mathcal{L} \hookrightarrow (M, \omega)$ é Lagrangiana. Considere $TM|_{\mathcal{L}}$ um fibrado vetorial simplético. Então

1. Existe um subfibrado lagrangiano $E \subseteq TM|_{\mathcal{L}}$ tal que $TM|_{\mathcal{L}} = T\mathcal{L} \oplus E$.
2. Existe um isomorfismo

$$\begin{array}{ccc} TM|_{\mathcal{L}} & \xrightarrow{\cong} & T\mathcal{L} \oplus (T\mathcal{L})^* \\ & \searrow & \swarrow \\ & \mathcal{L} & \end{array}$$

onde no espaço $T\mathcal{L} \oplus (T\mathcal{L})^*$ a forma simplética é,

$$\nu((X, \alpha), (Y, \beta)) = \beta(X) - \alpha(Y),$$

lembrando um exercício da lista 1 (de álgebra linear) que diz que um subespaço Lagrangiano nos dá uma decomposição em soma direta usando o seu dual.

Demonstração do Lema.

Step 1 Todo espaço simplético induz uma estrutura complexa compatível. Se L é lagrangiano, JL também e o espaço vetorial (acho que isso coincide com o complemento ortogonal na métrica compatível). Isso vale para fibrados vetoriais.

Step 2 Note que

$$\begin{aligned} E &\longrightarrow (T\mathcal{L})^* \\ u &\longmapsto \omega(\cdot, u) \end{aligned}$$

é um isomorfismo. Isso é super elementar de álgebra linear.

Tome

$$\begin{aligned} (TM|_{\mathcal{L}}, \omega) &\longrightarrow (T\mathcal{L} \oplus T\mathcal{L}^*, \nu) \\ (x, u) &\longmapsto (X, \omega(\cdot, u)) \end{aligned}$$

que é que acontece? Então,

$$\begin{aligned} \nu(T(X, u), T(Y, v)) &= \nu((X, \omega(\cdot, u)), (Y, \omega(\cdot, v))) \\ &= \omega(X, u) - \omega(Y, u) \\ &= \omega((X, u), (Y, u)) \end{aligned}$$

□

Daí, o teorema queda provado simplesmente aplicando o lema em $TM|_{\mathcal{L}}$ e em $T(T^*\mathcal{L})|_{\mathcal{L}}$ para construir o isomorfismo de fibrados que buscavamos:

$$\begin{array}{ccc} & T\mathcal{L} \oplus (T\mathcal{L})^* & \\ \cong \nearrow & & \searrow \cong \\ TM|_{\mathcal{L}} & \xrightarrow{\quad \Phi \quad} & T(T^*\mathcal{L})|_{\mathcal{L}} \end{array}$$

□

11 Aula 11

11.1 Aplicação (de Weinstein): pontos fixos de symplectomorfismos

Generaliza o estudo (Poincaré-Birkoff) clássico de pontos fixos de aplicações que preservam área:

Teorema (Último teorema de Poincaré) Um automorfismo de um anelo que preserva orientação, área e rota a fronteira do anelo em direções opostas tem um ponto fixo.

Isso apareceu quando Poincaré estudava fluxos em \mathbb{R}^3 .

Consideremos (M, ω) simplética e $M \xrightarrow{f} M$ symplectomorfismo. Nos interessa o caso em que f é um fluxo hamiltoniano no tempo 1, ie. $f = \phi_{X_H}^{t=1}$. Sabemos que

$$\Gamma_f = \{(x, f(x)) : x \in M\} \subseteq M \times \bar{M}$$

é uma subvariedade lagrangiana, e também $\Delta = \Gamma_{\text{id}_M} = \{(x, x) : x \in M\} \subseteq M \times \bar{M}$. De forma que os pontos fixos de f são os pontos de interseção entre Γ_f e Δ .

Proposição Seja M compacta, $H_{\text{dR}}^1(M) = 0$. Se f é C^1 -próximo (convergência uniforme, Fréchet differentiable?) da id_M , então f tem pelo menos 2 pontos fixos.

Demonstração. Note que $\Delta \cong M$ pelo teorema da vizinhança lagrangiana, como Δ é lagrangiana existe uma vizinhança $U \supseteq \Delta$ symplectomorfa a uma vizinhança U' de $M \hookrightarrow (T^*M, \omega_{\text{can}})$.

- Se $f \in \text{Simp}$ está "perto" da id_M , então $\Gamma_f \subseteq U$.
- f é C^1 -próximo da id_M , então Γ_f corresponde a 1-forma μ em T^*M (a uma subvariedade N_μ de T^*M ?). (É uma gráfica de M no fibrado cotangente!)
- Γ_f lagrangiana $\implies d\mu = 0$ (Lista 2)
- $H^1(M) = 0 \implies \mu = dh$
- M compacta $\implies h$ tem pelo menos 2 pontos críticos.

□

Observação (Monitoria) Se pedimos só C^0 -próximo, é possível que a seção μ não esteja bem definida porque um ponto de M pode não estar associado a um covector ancorado em outro ponto, ou algum outro problema assim. A condição C^1 controla isso.

Observação

- Não podemos abrir mão de $H^1(M) = 0$. Eg. rotação no toro.

- Podemos substituir $H^1(M) = 0$ por f ser simplectomorfismo Hamiltoniano (ver McDuff-Salomon).

Pergunta Remover C^1 -proximidade da identidade? (Pelo menos no caso f hamiltoniano).

Conjectura (Arnold) M simplética compacta, f simplectomorfismo Hamiltoniano. O número de pontos fixos de f é maior o igual que o número mínimo de pontos críticos que uma função em M deve ter:

$$\begin{aligned} \# \text{ pontos fixos de } f &\geq \text{Crit}(M) \\ &\geq \text{LS category (Lusternik Schnirelmann)} \end{aligned}$$

Isso está relacionado com o fato de tirar a hipótese de que a função esté próxima da identidade.

Conjectura (Outra versão) Para pontos fixos não degenerados (são os pontos onde N_μ e M se intersectam transversalmente em T^*M).

$\# \text{ pontos críticos} \geq \# \text{ mínimo de pontos críticos que funções de Morse devem ter.}$

$$\underbrace{\geq}_{\text{desig. Morse}} \sum_k \text{Betti}_k$$

Projetos

- Conjetura de Arnold (Eliashberg (superfícies de Riemann), Hofer-Achander)
- Homologia de Floer (é uma versão de Homologia de Morse em dimensão infinita)

Professor Leonardo vai falar com mais detalhe desses temas.

11.2 Outra classe de exemplos de variedades simpléticas: órbitas coadjuntas

São exemplos de redução simplética. Isso está relacionado com teoria de Lie. $G \curvearrowright (M, \omega)$ simetrias hamiltonianas. Daí vamos produzir uma nova variedade simplética.

11.2.1 Revisão de grupos e álgebras de Lie

Cada grupo de Lie age na sua álgebra de Lie de maneira canônica. Daí podemos pegar a álgebra dual. O fato importante é que as órbitas lá tem uma estrutura simplética.

Definição Um *grupo de Lie* é uma variedade C^∞ G munida de estrutura de grupo tal que o produto e a inversão são funções suaves. Os *morfismos* são homomorfismos de grupos C^∞ . *Subgrupos de Lie* são subvariedades imersas que são subgrupos.

Exemplo

- $GL(n, \mathbb{R}) = \{A \in M_{n \times n}(\mathbb{R}) : \det A \neq 0\}$
- V espaço vetorial, $(V, +)$ é grupo de Lie abeliano.
- $S^1, S^1 \times S^1 \times \dots \times S^1$ são grupos de Lie abelianos.
- Grupos finitos/enumeráveis: $\mathbb{Z}, \mathbb{Z}_m, \dots$
-

Exercício G grupo de Lie conexo, então o seu recobrimento universal \tilde{G} é grupo de Lie.

- Subgrupos de $GL(n, \mathbb{R})$:
 - Ortogonal $O(n) = \{A \in GL(n, \mathbb{R}) : AA^T = \text{id}\}$.
 Mais geralmente, $(V, \langle \cdot, \cdot \rangle)$ espaço vetorial de produto interno, $O(V) = \{T : V \rightarrow V \mid \langle Tv, Tv \rangle = \langle u, v \rangle\}$.

Considerando

$$\begin{aligned}\psi : GL(n, \mathbb{R}) &\longrightarrow \text{Sim}(n) \\ A &\longmapsto AA^T\end{aligned}$$

temos que id é um valor regular, e assim $O(n) = \psi^{-1}(\text{id})$ é uma subvariedade (compacta é não conexa por $\det A = \pm 1$)

- $SL(n) = \{A \in GL(n, \mathbb{R}) : \det A = 1\}$, conexo não compacto.
- $SO(n) = O(n) \cap SL(n)$ compacto conexo
- $Sp(2n) = \{A \in GL(2n, \mathbb{R}) : A^T J_0 A = J_0\}$ com $J_0 = \begin{pmatrix} 0 & -I \\ I & 0 \end{pmatrix}$. *Grupo simplético.*
- $GL(n, \mathbb{C}) = \{A \in M_{n \times n}(\mathbb{C}) : \text{invertíveis}\} \stackrel{\text{aberto}}{\subseteq} M_n(\mathbb{C}) = \mathbb{C}^{n^2}$.
- $U(n) = \{A \in GL(n, \mathbb{C}) : AA^* = \text{id}\}$, isso é $A^* = \overline{A}^T$, temos $|\det A| = 1$ e o mapa

$$\det : U(n) \rightarrow S^1$$

e de fato $U(1) \cong S^1$.

- $SU(n) = \{A \in U(n) : \det A = 1\}$ *grupo unitário especial*

Observação

-
- **Teorema (de Cartan)** (F. Warner) Subgrupo fechado de grupo de Lie é subgrupo de Lie! (mergulhado)
- Nem todo grupo de Lie é grupo de Lie de matrizes. O espaço recobridor de $SL(2, \mathbb{R})$, por exemplo.

11.2.2 Sobre SU(2)

Sabemos que podemos escrever

$$\mathbb{R}^4 = \mathbb{H} = \{a + ib + jc + kd : i^2 = j^2 = k^2 = -1\}$$

e como

$$S^3 \hookrightarrow \mathbb{H}$$

S^3 herda uma estrutura de grupo de Lie, e de fato

$$S^3 \xrightarrow{\cong} \mathrm{SU}(2) = \left\{ \begin{pmatrix} \alpha & \beta \\ -\bar{\beta} & \alpha \end{pmatrix} : \alpha, \beta \in \mathbb{C}, |\alpha|^2 + |\beta|^2 = 1 \right\}$$

Daí,

$$\begin{array}{ccc} S^3 & \xrightarrow{\cong} & \mathrm{SU}(2) \\ 2:1 \downarrow & & \downarrow 2:1 \\ \mathbb{RP}^3 & \xrightarrow{\cong} & \mathrm{SO}(3) \end{array}$$

Em geral recobrimentos duplos de $\mathrm{SO}(n)$ são grupos $\mathrm{Spin}(n)$. Para $n \geq 2$ são recobrimentos universais. São grupos de simetrias de partículas que se chamam fermiões. A ideia é que a gente precisa dois voltas para virar a flecha que tá parada na partícula.

Por último vamos ver por que e que $\mathbb{RP}^3 \cong \mathrm{SO}(3)$. Do mesmo jeito que \mathbb{RP}^2 é o hemisfério norte da esfera com os pontos no bordo identificados, \mathbb{RP}^3 é uma bola fechada em \mathbb{R}^3 com pontos antipodais no bordo identificados. Podemos pensar que os pontos de \mathbb{RP}^3 são rotações de ângulo $\pi\sqrt{x^2 + y^2 + z^2}$.

12 Aula 12

12.1 Álgebras de Lie

Definição Uma *álgebra de Lie* é um espaço vetorial (sobre \mathbb{R}) munido de uma forma bilinear

$$[\cdot, \cdot] : \mathfrak{g} \times \mathfrak{g} \longrightarrow \mathfrak{g}$$

tal que

- $[u, v] = -[v, u]$.
- Jacobi.

Um *morfismo de Álgebras de Lie* é um mapa linear $T : \mathfrak{g} \rightarrow \mathfrak{g}$ tal que $[Tu, Tv] = T[u, v]$.

Uma *subálgebra de lie* é $\mathfrak{h} \subset \mathfrak{g}$ subespaço tal que $[\mathfrak{h}, \mathfrak{h}] \subseteq \mathfrak{h}$, ie. $[\mathfrak{g}, \mathfrak{h}] \subseteq \mathfrak{h}$ ideal.

Exemplo

- $M_n(\mathbb{R})$ matrizes de $n \times n$ com $[A, B] = AB - BA$. Se denota $\mathfrak{gl}(n)$.

- V espaço vetorial com $[\cdot, \cdot] \equiv_0$ (abelianos).
- $\mathfrak{o}(\mathfrak{n}) = \{A \in M_n(\mathbb{R}) : A = -A^T\}$.
- $\mathfrak{sl}(\mathfrak{n}) = \{A \in M_n(\mathbb{R}) : \text{tr } A = 0\}$.
- Em dimensão ∞ , $(\mathfrak{X}(M), [\cdot, \cdot])$ campos vetoriais, e também $(\mathcal{C}^\infty(M), \{\cdot, \cdot\})$ simplética.

12.2 Relação entre grupos de Lie e álgebras de Lie

ção

$$\text{Grupos de Lie} \xrightarrow{\text{diferenciação}} \text{Álgebras de Lie}$$

Definição Dado um grupo de Lie G e um elemento $g \in G$, a *multiplicação à esquerda* é

$$\begin{aligned} L_g : G &\longrightarrow G \\ a &\longmapsto ga \end{aligned}$$

que é um difeomorfismo. Também está a *multiplicação à direita* R_g . Temos que $(L_g)^{-1} = L_{g^{-1}}$.

Definição Um campo de vetores $X \in \mathfrak{X}(G)$ é *invariante à esquerda* se

$$(L_g)_* X = X \quad \text{para toda } g \in G$$

ou

$$(dL_g)|_h(X_h) = X_{gh} \quad \forall g, h$$

Observação

- O conjunto de campos invariantes à esquerda $\mathfrak{X}^L(G) \subseteq \mathfrak{X}(G)$ é uma subálgebra de Lie (o colchete de Lie é fechado aqui).
- $X \in \mathfrak{X}^L(G)$ é completamente determinado por X_e onde $e \in G$ é a unidade.
- Temos um isomorfismo de espaços vetoriais

$$\begin{aligned} \mathfrak{X}^L(G) &\xrightarrow{\cong} T_e G \\ X &\longmapsto X_e \end{aligned}$$

e para voltar só pegamos um vetor em $T_e G$ e espalhamos por todos lados:

$$\begin{aligned} T_e G &\longrightarrow \mathfrak{X}^L(G) \\ u &\longmapsto u^L \end{aligned}$$

Talvez aqui devemos provar que esse espalhamento produz um campo suave.

Além disso, esse mapa induz uma estrutura de álgebra de Lie em $T_e G$. Essa é a *álgebra de Lie* de G , denotada por $\text{Lie}(G)$.

Extra: $(\mathfrak{X}(M), -[\cdot, \cdot])$ é a álgebra de Lie de $\text{Diff}(M)$.

Importante: Essa associação é funtorial:

Proposição Se $\phi : G_1 \rightarrow G_2$ é um morfismo de grupos de Lie, ele induz uma aplicação entre as álgebras de Lie dado por

$$\text{Lie}(\phi) := d_e \phi : T_e G_1 \longrightarrow T_e G_2$$

que é um morfismo de álgebras de Lie.

Demonstração. Muito fácil. □

Esse é chamado de *funtor de Lie*. É um funtor de diferenciação nesse sentido. Como ir na outra direção?

Observação

- V espaço vetorial, $G \rightarrow GL(V)$ morfismo de grupos de Lie se chama de *representação* de G em V .
- $\mathfrak{g} \rightarrow \mathfrak{gl}(V)$ morfismo de álgebras de Lie se chama de *representação* de \mathfrak{g} em V .

Exemplo

- $\mathfrak{gl}(n, \mathbb{R}) = \text{Lie}(GL(n, \mathbb{R}))$.
- $(V, [\cdot, \cdot] = 0) = \text{Lie}(V, +)$.
- Pode ter grupos de Lie diferentes com a mesma álgebra de Lie, por exemplo $(\mathbb{R}, +)$ e S^1 tem álgebra de Lie $(\mathbb{R}, [\cdot, \cdot])$. Outro exemplo é $\mathfrak{o}(n) = \text{Lie}(O(n))$, e como esse grupo de Lie tem dois componentes conexos ($\det 1$ e $\det -1$), e a álgebra de Lie está determinada só pela componente da identidade, temos que $\mathfrak{o}(n) = \mathfrak{so}(n) = \text{Lie}(SO(n))$.
- $\mathfrak{so}(3) \cong \mathbb{R}^3$ com

$$\begin{pmatrix} 0 & a & -b \\ -a & 0 & c \\ b-c & 0 & 0 \end{pmatrix} \longrightarrow \begin{pmatrix} a \\ b \\ c \end{pmatrix}$$

- Recobrimentos $2 : 1$.
- Na lista 1 vimos que $\mathfrak{sp}(2n) = \{A \in M_n(\mathbb{R}) : A^T J_0 + J_0 A = 0\} = \text{Lie}(\text{Sp}(2n))$
- $\text{Lie}(GL(n, \mathbb{C})) = M_n(\mathbb{C})$.
- $\text{Lie}(SL(n, \mathbb{C})) = \mathfrak{sl}(n, \mathbb{C}) = \{A \in M_n(\mathbb{C}) : \text{tr } A = 0\}$.
- $\text{Lie}(U(n)) = \mathfrak{u}(n) = \{A \in M_n(\mathbb{C}) : A = -A^*\}$.
- $\text{Lie}(SU(n)) = \mathfrak{su}(n) = \{A \in M_n(\mathbb{C}) : \text{tr } A = 0, A = -A^*\}$

Exercício

- $u \in \mathfrak{g}$, $u^L \in \mathcal{X}^L(G)$ é completo. Aqui é alongar qualquer curva integral usando a traslação a esquerda.

Seja $\gamma_e : \mathbb{R} \rightarrow G$ curva integral de u^L com $\gamma_u(0) = e$.

- $\gamma_u(t+s) = \gamma_u(t)\gamma_u(s)$ (γ_u é um homomorfismo de grupos)
- $\gamma_{tu}(1) = \gamma_u(t)$ (homogenidade)

Definição

$$\begin{aligned} \exp : \mathfrak{g} &\longrightarrow G \\ u &\longmapsto \gamma_u(1) \end{aligned}$$

Observação

$$\begin{aligned} \exp((t+s)u) &= \exp(tu)\exp(su) \\ \exp(-tu) &= \exp(tu)^{-1} \end{aligned}$$

Observação

- Fluxo de u^L é $R_{\exp(tu)}$:

$$\begin{aligned} \frac{d}{dt} R_{\exp(tu)}(g) &= \frac{d}{dt} \Big|_{t=0} (g \exp(tu)) \\ &= \frac{d}{dt} \Big|_{t=0} L_g \exp(tu) \\ &= \frac{d}{dt} \Big|_{t=0} L_g(u) \\ &= u^L|_g \end{aligned}$$

- Fluxo de u^R é $L_{\exp(tu)}$.

12.3 Propriedades fundamentais

1. $\exp : \mathfrak{g} \rightarrow G$ é um difeomorfismo entre vizinhanças de $0 \in \mathfrak{g}$ e de $e \in G$. ($d_0 \exp = \text{id}$).
2. $\phi : G \rightarrow H$ morfismo de grupos de Lie, $\Phi = \text{Lie}(\phi) : \mathfrak{g} \rightarrow \mathfrak{h}$. O diagrama comuta:

$$\begin{array}{ccc} G & \xrightarrow{\phi} & H \\ \exp_G \uparrow & & \uparrow \exp_H \\ \mathfrak{g} & \xrightarrow{\Phi} & \mathfrak{h} \end{array}$$

Exemplo Para $G = GL(n)$ e $\mathfrak{g} = M_n(\mathbb{R})$,

$$\begin{aligned} \exp : M_n(\mathbb{R}) &\longrightarrow GL(n) \\ A &\longmapsto e^A \end{aligned}$$

Note que

$$\begin{array}{ccc} & \det : GL(n) \rightarrow \mathbb{R}^* & \\ & \uparrow \exp & \\ GL(n) & \xrightarrow{\det} & \mathbb{R}^* \\ \exp \uparrow & & \uparrow \exp \\ M_n(\mathbb{R}) & \xrightarrow{\text{tr}} & \end{array}$$

Lembre que $\det(e^A) = e^{\text{tr } A}$.

Observação Numa variedade Riemanniana com uma métrica invariante, a definição da exponencial usando geodésicas coincide com essa daqui.

12.4 Teoremas fundamentais de Lie (da álgebra para o grupo)

Teorema (Teoremas fundamentais de Lie)

Lie I $\mathfrak{g} = \text{Lie}(G)$, existe um único grupo de Lie \tilde{G} simplesmente conexo tal que $\mathfrak{g} = \text{Lie}(\tilde{G})$. A ideia é simplificar a topologia do grupo preservando a sua álgebra. Aqui se usa o recobrimento universal da componente conexa da identidade.

Lie II $\varphi : \mathfrak{g} = \text{Lie}(G) \rightarrow \mathfrak{h} = \text{Lie}(H)$. Se G é simplesmente conexo, existe um morfismo $\phi : G \rightarrow H$ tal que $\varphi = \text{Lie}(\phi)$.

Exemplo O fluxo irracional é um morfismo de grupos de Lie que não se factora (só se factora se a órbita fecha)

$$\begin{array}{ccc} \mathbb{R} & \longrightarrow & \mathbb{T}^2 \\ \downarrow & \nearrow & \\ S^1 & & \end{array}$$

Lie III Toda álgebra de Lie de dimensão finita é álgebra de Lie de um grupo de Lie.

Teorema (Ado) Qualquer álgebra de Lie pode ser vista de maneira fiel dentro de $\mathfrak{gl}(n)$, ie. $\mathfrak{g} \hookrightarrow \mathfrak{gl}(n)$. (isso acontece para grupos de Lie e $GL(n)$.)

Daí pode usar o teorema de Frobenius para mostrar que toda subálgebra de Lie dá um subgrupo de Lie: espalha a subálgebra (subespaço do tangente em e) usando multiplicação a esquerda, que é Frobenius integrável porque é álgebra de Lie, assim ele vem de uma distribuição, pega a órbita que passa por e , essa daí é um subgrupo.

Observação Em dimensão infinita tem obstruções.

Em resumo:

$$\{\text{Grupos de Lie simp. conexo}\} \xrightarrow{\text{Lie}} \{\text{Álgebras de Lie}\}$$

é uma equivalencia de categorías.

13 Aula 13

13.1 Ações

Definição Uma *ação (à esquerda)* de G em M é aplicação suave

$$\begin{aligned} \psi : G \times M &\longrightarrow M \\ (g, x) &\longmapsto gx = \psi(g, x) = \psi_g(x) \end{aligned}$$

tal que

$$\begin{aligned} \psi_e(x) &= x, \quad \forall x \in M \\ \psi_{gh} &= \psi_g \cdot \psi_h \end{aligned}$$

que é equivalente a que

$$\forall g \in G, \quad \psi_g \in \text{Diff}(M), \quad G \mapsto \text{Diff}(M)$$

é homeomorfismo de grupos.

Notação $G \curvearrowright M$

Observação Análogo para ações à direita com $\psi_{gh} = \psi_h \cdot \psi_g$.

Terminologia M + ação por G se llama *G-variedade*.

Definição Um *morfismo de G-variedades* é

$$\begin{array}{ccc} M_1 & \xrightarrow{\phi} & M_2 \\ g \downarrow & & \downarrow g \\ M_1 & \xrightarrow{\phi} & M_2 \end{array}$$

ie.,

$$\phi(g \cdot x) = g\phi(x)$$

ie., *G-equivariante*.

Exemplo

1. $M = V$ espaço vetorial. Ações por transformações lineares=representações .

$$G \xrightarrow{\psi} GL(V) \subset \text{Diff}(V)$$

tem representação dual $G \curvearrowright V^*$ dada por

$$G \xrightarrow{\psi^*} GL(V^*)$$

dada por

$$\langle (\psi^*)_g(\xi), v \rangle = \langle \xi, \psi_{g^{-1}}(v) \rangle, \quad \xi \in V^*, v \in V$$

2. $GL(n) \curvearrowright \mathbb{R}^n$ restringe $O(n) \curvearrowright S^{n-1}$.

3. $G = \mathbb{R} \curvearrowright M$, \mathbb{R} -ação \longleftrightarrow fluxo (completo) pois $\psi_{t+s} = \psi_t \cdot \psi_s$. Além disso, $\mathbb{R}^n \curvearrowright M \longleftrightarrow n$ -fluxos que comutam, pois

$$\psi_{(t_1, \dots, t_n)} = \psi_{t_1}^1 \circ \dots \circ \psi_{t_n}^n$$

4. G age em si mesmo de várias formas:

- $\psi_g = L_g$, $L_g(a) = ga$, ação por multiplicação à esquerda.
- $\psi_g = R_g$ à direita. (Note que $\psi_g = R_{g^{-1}}$ é ação à esquerda.)
- $\psi_g = I_g = L_g \circ R_{g^{-1}}$, $I_g(a) = gaq^{-1}$, ação por cnjugação (ação por automorfismos de G).
- **Ação ou representação adjunta.** G age em $\mathfrak{g} = \text{Lie}(G)$

$$\text{Ad} : G \longrightarrow GL(\mathfrak{g}) \subseteq \text{Diff}(\mathfrak{g})$$

$$g \longmapsto d_e I_g : \mathfrak{g} \rightarrow \mathfrak{g}$$

- **Representação dual.** $G \curvearrowright \mathfrak{g}^*$.

$$\text{Ad}^* : G \longrightarrow GL(\mathfrak{g}^*)$$

$$g \longmapsto \begin{array}{c} \psi_g : \mathfrak{g}^* \longrightarrow \mathfrak{g}^* \\ \langle \psi_g(\mu), v \rangle = \langle \mu, \text{Ad}_{g^{-1}}(v) \rangle \end{array}$$

$$(\text{Ad}^*)_g = (\text{Ad}_{g^{-1}})^*.$$

5. Levantamiento tangente cotangente. $G \xrightarrow{\psi} M$.

- $G \curvearrowright TM$

$$g \mapsto \begin{array}{ccc} d\psi_g : TM & \xrightarrow{\cong} & TM \\ \downarrow & & \downarrow \\ M & \xrightarrow{\psi_g} & M \end{array}$$

- $G \curvearrowright T^*M$

$$g \longrightarrow \begin{array}{ccc} (d\psi_g)^* : T^*M & \xrightarrow{\cong} & T^*M \\ \downarrow & & \downarrow \\ M & \xrightarrow{\psi_g} & M \end{array}$$

13.2 Descrição infinitesimal de G-ações

Lembre \mathbb{R} ação \longleftrightarrow fluxos $\psi_t \rightsquigarrow$ campos de vetores $X(x) = \left. \frac{d}{dt} \right|_{t=0} \psi_t(x)$

Generalização para G-ações G grupo de Lie, $\mathfrak{g} = \text{Lie}(G)$, $G \overset{\psi}{\curvearrowright} M$.

Note cada $u \in \mathfrak{g}$ determina uma \mathbb{R} -ação = fluxo em M .

O que aqui acontece é que cada vetor no tangente à identidade de G gera um fluxo na variedade M quando G age em M .

$$\mathbb{R} \xrightarrow{\gamma_u} G \xrightarrow{\psi} \text{Diff}(M)$$

$$t \longmapsto \psi_{\exp(tu)}$$

Definição O *gerador infinitesimal* de ψ correspondendo a $u \in \mathfrak{g}$ é o campo

$$u_M(x) := \left. \frac{d}{dt} \right|_{t=0} \psi_{\exp(tu)}(x)$$

Em conclusão, uma G -ação dá lugar a um mapa

$$\begin{aligned} \mathfrak{g} &\longrightarrow \mathfrak{X}(M) \\ u &\longmapsto u_M \end{aligned}$$

Heurísticamente (só que $\text{Diff}(M)$ não tem dimensão finita), tendo um mapa

$$G \rightarrow \text{Diff}(M)$$

derivando obtemos

$$\mathfrak{g} \rightarrow \mathfrak{X}(M).$$

Exemplo

$$1. \quad G \overset{\psi}{\curvearrowright} G. \quad \psi_g = L_g \rightsquigarrow \begin{array}{l} \mathfrak{g} \longrightarrow \mathfrak{X}(G) \\ u \longmapsto u^R \end{array} \quad \text{Aqui temos que fazer uma conta:}$$

$$\begin{aligned} u_G(a) &= \left. \frac{d}{dt} \right|_{t=0} L_{\exp(tu)}(a) \\ &= \left. \frac{d}{dt} \right|_{t=0} R_a(\exp(tu)) \\ &= d_e R_a(u) \\ &= u^R(a) \end{aligned}$$

Analogamente, outros geradores infinitesimais são

2.

$$\begin{aligned}\psi_g = R_g &\implies u_G = u^L \\ \psi_g = R_{g^{-1}} &\implies u_G = -u^L\end{aligned}$$

3.

$$\begin{aligned}\psi_g = I_g = L_g \circ R_{g^{-1}} &\implies \begin{aligned} \mathfrak{g} &\longrightarrow \mathfrak{X}(G) \\ u &\longmapsto u^R - u^L \end{aligned}\end{aligned}$$

13.3 No caso de representações

$$G \xrightarrow{\psi} GL(V) \subset \text{Diff}(M)$$

diferenciando, $\mathfrak{g} \longrightarrow \mathfrak{gl}(V) \subset \mathfrak{X}(V)$

A partir de uma transformação linear podemos gerar um campo vetorial:

$$\{A : V \rightarrow V \text{ linear}\} = \mathfrak{gl}(V) \hookrightarrow \mathfrak{X}(V)$$

pega um vetor v . Em v , o vetor do campo vetorial é Av . $X_A(v) = Av \in T_v V = V$

13.4 Geradores infinitesimais das ações adjunta e coadjunta

Lembre que essas ações correspondem a $G \curvearrowright \mathfrak{g}$ e $G \curvearrowright \mathfrak{g}^*$. Daí,

- $G \xrightarrow{\text{Ad}} \mathfrak{g}$ com

$$\begin{aligned}\text{Ad} : G &\longrightarrow GL(\mathfrak{g}) \\ g &\longmapsto (\text{Ad}_g : \mathfrak{g} \rightarrow \mathfrak{g})\end{aligned}$$

“diferenciando” obtemos

$$\begin{aligned}\text{ad} : \mathfrak{g} &\longrightarrow \mathfrak{gl}(\mathfrak{g}) \\ u(?) &\longmapsto (\text{ad}_u : \mathfrak{g} \rightarrow \mathfrak{g})\end{aligned}$$

Lemma

$$\begin{aligned}u_{\mathfrak{g}} = \text{ad}_u \mathfrak{g} &\longrightarrow \mathfrak{g} \\ u &\longmapsto u_{\mathfrak{g}} = [u, \cdot]\end{aligned}$$

Demonstração. É so por definição e a regra da cadeia:

$$\begin{aligned}u_{\mathfrak{g}}(v) &= \left. \frac{d}{dt} \right|_{t=0} \text{Ad}_{\exp(tu)}(v) \\ &= \left. \frac{d}{dt} \right|_{t=0} d_e(R_{\exp(-tu)} \cdot L_{\exp(tu)})(v) \\ &= \left. \frac{d}{dt} \right|_{t=0} dR_{\exp(-tu)}(v^L(\exp(tu))) \\ &= [u^L, v^L]|_e \\ &= [u, v]\end{aligned}$$

□

13.4.1 Dualização

Agora considere $G \xrightarrow{\text{Ad}} \mathfrak{g}^*$,

$$\langle u_{\mathfrak{g}}^*, v \rangle = -\mu([u, v])$$

com $\mu \in \mathfrak{g}^*$, $u_{\mathfrak{g}}^* \in \mathfrak{g}^* = T_{\mu}^* \mathfrak{g}^*$.

Pergunta $\mathfrak{g} \rightarrow \mathfrak{X}(M)$

Proposição

1. M_1, M_2 G -variedades, $\varphi : M_1 \rightarrow M_2$ G -equivariante, então $u_{M_1} \xrightarrow{\varphi} u_{M_2}$, ie; $d\varphi(u_{M_1}(x)) = u_{M_2}(\varphi(x))$.
2. M é G -variedad, então $\mathfrak{g} \rightarrow \mathfrak{X}(M)$ é (anti!) homomorfismo de álgebra de Lie.
3. M é G -variedade, $(\psi_g)_*(u_M) = (\text{Ad}_g(u))$.

Demonstração.

1.

$$\begin{aligned} \varphi((\exp(tu) \cdot x) &= \exp(tu), & \varphi(x) \\ \frac{d}{dt} \Big|_{t=0} &\implies d\varphi(u_{M_1}(x)) = u_{M_1}(\varphi(x)) \end{aligned}$$

2. Note: resultado vale para

$$\begin{aligned} \phi_g = R_{g^{-1}} &\rightsquigarrow \mathfrak{g} \longrightarrow \mathfrak{X}(G) \\ u &\longmapsto -u^L \end{aligned}$$

Seja $G \curvearrowright \overline{M} = G \times M$ uma ação,

$$g(a, z) = (R_g^{-1}(a), \quad u_{\overline{M}} = (-u^L, 0)$$

Note: $[v_{\overline{M}}, u_{\overline{M}}] = -([u, v]_{\overline{M}})$. Considere

$$\begin{aligned} F : G \curvearrowright \overline{M} = G \times M &\longrightarrow M \curvearrowleft G \\ (a, x) &\longmapsto \bar{a}^1 x \end{aligned}$$

é G -equivariante Daí,

$$u_{\overline{M}} \xrightarrow{\sim} u_M \implies \begin{aligned} F_*([u_{\overline{M}}, v_{\overline{M}}]) &= [u_M, v_M] \\ F_*([u, v]_{\overline{M}}) &= [u, v] \end{aligned}$$

3. A fórmula que eu quero vale em \overline{M} , F é G -equivariante, \implies vale em M .

□

Próxima aula Estamos usando um funtor

$$\{G\text{-variedades}\} \xrightarrow{\quad} \{\mathfrak{g}\text{-variedades}\}$$

e queremos estudar em que casos podemos voltar.

14 Aula 14

$G \curvearrowright^\psi$. Um elemento da álgebra de Lie, pega o vetor na identidade, vai para o grupo, daí gera um fluxo na variedade, diferencia o fluxo e já tem um campo vetorial.

Propriedades

- Anti-homomorfismo de álgebras de Lie.
- Se ϕ é uma aplicação equivariante (preserva ação), os campos vetoriais são relacionados.

14.1 Ações infinitesimais (\mathfrak{g} -ações)

\mathfrak{g} álgebra de Lie ($\dim < \infty$).

Definição Uma *ação (à esquerda)* de \mathfrak{g} em M é anti-homomorfismo de álgebras de Lie

$$\begin{aligned} \mathfrak{g} &\longrightarrow \mathfrak{X}(M) \\ u &\longmapsto u_M \end{aligned}$$

Notação $\mathfrak{g} \curvearrowright M$, M é \mathfrak{g} -variedade.

Para essas variedades exista uma noção de morfismo: suponha que $\mathfrak{g} \curvearrowright M \xrightarrow{\phi} M \curvearrowright \mathfrak{g}$, então ϕ é \mathfrak{g} -equivariante se

$$u_{M_1} \xrightarrow{\phi} u_{M_2} \quad \forall u \in \mathfrak{g}.$$

Em resumo

$$\begin{array}{ccc} G\text{-variedades} & \xrightarrow{\text{functor de diferenciação}} & \mathfrak{g}\text{-variedades, } \mathfrak{g} = \text{Lie}(G) \\ \\ \mathfrak{g} \curvearrowright M & \longmapsto & \begin{array}{cc} \mathfrak{g} & \longrightarrow \mathfrak{X}(M) \\ u & \longmapsto u_M \end{array} \\ \\ \mathfrak{g} \curvearrowright M \xrightarrow{\phi} M \curvearrowright \mathfrak{g} & \longrightarrow & \mathfrak{g} \curvearrowright M \xrightarrow{\phi} M \curvearrowright \mathfrak{g} \\ & \searrow \text{integração?} \swarrow & \end{array}$$

Nem sempre pode voltar. Precisa que o campo vetorial seja **completo**, ie. precisamos de uma \mathbb{R} -ação infinitesimal $\mathbb{R} \rightarrow \mathfrak{X}(M)$. Isso dá uma \mathbb{R} -ação que é um fluxo. Mas, nem tudo campo vetorial é completo.

Teorema (Lie-Richard Palais) Seja uma ação

$$\begin{aligned} \mathfrak{g} &\longrightarrow \mathfrak{X}(M) \\ u &\longmapsto u_M \end{aligned}$$

seja G um grupo de Lie simplesmente conexo tal que $\mathfrak{g} = \text{Lie}(G)$. Então \mathfrak{g} -ação se integra a uma ação \iff cada u_M é completo $\forall u \in \mathfrak{g}$.

Observação Tem a ver com pensar em uma S^1 ação em lugar de uma \mathbb{R} -ação. Por isso pedimos simplesmente conexo.

Sobre sinais/convenção

$$\begin{aligned} G &\xrightarrow{\phi} \text{Diff}(M) & \mathfrak{g} &\longrightarrow \mathfrak{X}(M) \\ \psi_g \psi_h &= \phi_{gh} \end{aligned}$$

Mas esse daí é um *antihomomorfismo* de álgebra de Lie.

Também temos outros anti-homomorfismos de grupos (é muito importante que aparece uma sinal):

$$\begin{aligned} \text{Diff}(M) &\cong \text{Aut}(C^\infty(M)) \\ \phi : M &\rightarrow M \rightsquigarrow \phi^* : C^\infty(M) \rightarrow C^\infty(M) \\ \phi \circ \psi &\rightsquigarrow \phi^* \circ \psi^* \end{aligned}$$

$$\text{Lie}(\text{Diff}(M)) \cong \mathfrak{X}(M) \xrightarrow{\cong} \text{Lie}(\text{Aut}(C^\infty(M))) \cong \text{Der}(C^\infty(M))$$

Porque de fato a gente já tinha definido o colchete de Lie como uma derivação. Aí o que acontece é que quando voltamos para o lado esquerdo temos que botar uma sinal.

14.2 Mais sobre ações

Suponha $G \curvearrowright M$ e seja $x \in M$.

Definição *Órbita de x* : $\mathcal{O}_x = \{\psi_g(x) = gx : g \in G\} \subseteq M$.

A ação dá lugar a uma relação de equivalência em M : $x \sim y \iff \exists g \in G$ tal que $y = g \cdot x$. Nesse caso as órbitas são as classes de equivalência (partição de M).

Observação Se $M = \mathcal{O}_x$, a ação é dita *transitiva* e M é *espaço G -homogêneo*.

Exemplo

- $G \stackrel{L,R}{\curvearrowright} G$, L_g e R_g são transitivas.
- $G \stackrel{I}{\curvearrowright} G$, $I_g(a) = gag^{-1}$ não é transitiva ($\{e\}$ é órbita).
- $SO(3) \curvearrowright \mathbb{R}^3$ cujas órbitas são esferas e a origem.

Definição *Grupo de isotropia ou estabilizador:* $G_x = \{g \in G : \psi_g = x\} \subseteq G$.

Observação $x \sim y \implies G_x \cong G_y$.

Exemplo $SO(3) \curvearrowright \mathbb{R}^3$. Para $x = 0$, $G_x = SO(3)$, mais para $x \neq 0$ temos $G_x \cong S^1$, as rotações com eixo a linha da origem a x .

Agora pegue uma ação infinitesimal $\mathfrak{g} \curvearrowright M$, ie. um mapa

$$\begin{aligned} \mathfrak{g} &\longrightarrow \mathfrak{X}(M) \\ u &\longmapsto u_M \end{aligned}$$

Definição

1. *Distribuição orbital:* $D \subseteq TM$ dado por

$$x \longmapsto T_x M \supseteq D_x = \{u_M(x) : u \in \mathfrak{g}\}$$

2. *Álgebra de isotropia:* $\mathfrak{g}_x \subseteq \mathfrak{g}$ dada por

$$\mathfrak{g}_x = \{u \in \mathfrak{g} : u_M(x) = 0\}$$

Será que tudo encaixa? O estabilizador é um grupo de Lie cuja álgebra de Lie é a álgebra de isotropia... a distribuição orbital é o fibrado tangente das órbitas?

Proposição (órbitas, isotropias, ... (Warner))

- $G_x \subseteq G$ é um subgrupo de Lie e $\text{Lie}(G_x) = \mathfrak{g}_x$.
- O conjunto das classes laterais G/G_x é uma variedade C^∞ tal que $G \rightarrow G/G_x$ é submersão.
- Temos uma aplicação natural

$$\begin{aligned} G &\longrightarrow \mathcal{O}_x \\ g &\longmapsto g \cdot x \end{aligned}$$

E de fato

$$\begin{array}{ccc} G & \xrightarrow{\text{sobre}} & \mathcal{O}_x \\ g & \searrow & \nearrow g \cdot x \\ & G/G_x & \end{array}$$

bijeção

Assim, \mathcal{O}_x tem estrutura C^∞ tal que $\mathcal{O}_x \stackrel{\text{dif}}{\cong} G/G_x$.

E mais. $\mathcal{O}_x \hookrightarrow M$ é uma imersão.

Observação Se M é G -variedade homogênea, então $M \cong G/G_x$ para qualquer $x \in M$.

Exemplo

- S^{n-1} . Qual é grupo de isotropia de e_n ?

$$\begin{pmatrix} & & 0 \\ & O(n-1) & \\ 0 & & 0 \\ & & 0 \\ & & 0 & 1 \end{pmatrix}$$

de fato,

$$S^{n-1} \cong \frac{O(n)}{O(n-1)} = \frac{SO(n)}{SO(n-1)}$$

já que os dois agem transitivamente na esfera—lembre que a variedade não é mais que o quociente do grupo-estabilizador quando tem uma ação homogênea.

•

$$\mathbb{R}P^{n-1} = \frac{SO(n)}{O(n-1)}$$

Pode fazer uma leve meditação ao respeito. Agora tem que fixar uma linha, não só um ponto. Tem que fixar mais pontos, tem menos transformações. Ele colocou uma matriz assim:

$$\begin{pmatrix} & & 0 \\ & O(n-1) & \\ 0 & & 0 \\ & & 0 \\ & & 0 & \pm 1 \end{pmatrix}$$

Porque pode refletir no ponto antípoda e tudo bem.

•

$$\mathbb{C}P^{n-1} = \frac{SU(n)}{U(n-1)}$$

Fato geral G grupo de Lie $H \subseteq G$ subgrupo fechado, então G/H é C^∞ -variedade e $G \rightarrow G/H$ é submersão.

Lembre: uma ação livre, própria... tem o Slice theorem, onde tem que pegar uma vizinhança das órbitas.

Exemplo (Curiosidade) V espaço vetorial, $\text{Fr}_p(V) = \{(v_1, \dots, v_p) : \text{l.i.}\}$. Tem uma ação $\text{GL}(n) \curvearrowright \text{Fr}_p(V)$. Pode calcular o grupo de isotropia H , e daí dar uma estrutura diferenciável a $\text{Fr}_p(V)$. Essa variedade se chama *variedade de Stiefel*.

14.3 De volta à geometria simplética

Queremos finalmente estudar órbitas coadjuntas e quocientes simpléticos.

Pegue um grupo de Lie G e lembre a ação coadjunta $G \xrightarrow{\psi=\text{Ad}^*} \mathfrak{g}^*$. É assim:

$$\begin{aligned} (\text{Ad}^*)_g : \mathfrak{g}^* &\longrightarrow \mathfrak{g}^* \\ \langle \text{Ad}^*)_g(\xi), u \rangle &= \langle \xi, \text{Ad}_{g^{-1}}(u) \rangle \end{aligned}$$

onde $u \in \mathfrak{g}$ e $\xi \in \mathfrak{g}^*$. De fato,

$$\begin{aligned} \text{Ad}_g &= d_e I_g : \mathfrak{g} \longrightarrow \mathfrak{g} \\ I_g(a) &= g a g^{-1} \end{aligned}$$

Observação $I_g : G \rightarrow G$ é um homomorfismo de grupos, $\implies \text{Ad}_g : \mathfrak{g} \rightarrow \mathfrak{g}$ é homomorfismo de álgebra de Lie, ie. $\text{Ad}_g[u, v] = [\text{Ad}_g u, \text{Ad}_g v]$.

Também vimos que

$$\begin{aligned} : \mathfrak{g} &\longrightarrow \mathfrak{X}(\mathfrak{g}^*) \\ u &\longmapsto u_{\mathfrak{g}^*} \\ u_{\mathfrak{g}^*} &= -\xi([u, \cdot]) \end{aligned}$$

onde $T_\xi \mathfrak{g}^* = \mathfrak{g}^*$

Agora. Pegue $\eta \in \mathfrak{g}^*$ fixo. então

$$\begin{aligned} \mathcal{O} = \mathcal{O}_\eta &= \{\text{Ad}^*(\eta) : g \in G\} \subseteq \mathfrak{g}^* \\ T_\xi \mathcal{O} &= \{u_{\mathfrak{g}^*}(\xi) : u \in \mathfrak{g}\} \end{aligned}$$

Definição $\xi \in \mathcal{O}, \omega_\xi \in \Lambda^2(T_\xi^* \mathcal{O})$,

$$\omega_\xi(u_{\mathfrak{g}^*}(\xi), v_{\mathfrak{g}^*}(\xi)) := \langle \xi, [u, v] \rangle$$

Onde tem que mostrar que isso está bem definido. Para isso poderia usar que $\langle \xi, [u, v] \rangle = -u_{\mathfrak{g}^*}(\xi)(v) \dots$

Teorema (KKS=Kirillov-Kostant-Sourian) $\omega \in \Omega^2(\mathcal{O})$ é simplética.

Demonstração. Seja $\xi \in \mathcal{O}$

Paso 1 ω_ξ está bem definido. $u, u' \in \mathfrak{g}$ tal que $u_{\mathfrak{g}^*} = u'_{\mathfrak{g}^*}(\xi)$, mais isso é equivalente a que $\xi([u, \cdot]) = \xi([u', \cdot])$.

Paso 2 ω_ξ não degenerada:

$$\begin{aligned} \omega_\xi(u_{\mathfrak{g}^*}(\xi), v_{\mathfrak{g}^*}(\xi)) &= 0 \\ \implies \xi([u, v]) &= u_{\mathfrak{g}^*}(\xi)(v) = 0 \\ \iff u_{\mathfrak{g}^*}(\xi) &= 0. \end{aligned}$$

Paso 3 $\xi \longrightarrow \omega_\xi$ é suave. Para isso vamos mostrar que ω é G-invariante, ie. que $(\text{Ad}^*)_g \xi = g\xi$.

Exercício Numa variedade G-homogênea, uma forma G-invariante é suave.

$$\begin{aligned}
(\mathfrak{g}^*\omega)_\xi(u_{\mathfrak{g}^*}(\xi), v_{\mathfrak{g}^*}(\xi)) &\stackrel{\text{def}}{=} \omega_{g\xi}(g_*(u_{\mathfrak{g}^*}(\xi)), g_*(v_{\mathfrak{g}^*}(\xi))) \\
&= \omega_{g\xi}((\text{Ad}_g(u))_{\mathfrak{g}^*}(\xi), (\text{Ad}_g(v))_{\mathfrak{g}^*}(\xi)) \\
&\stackrel{\text{def}}{=} \langle (\text{Ad}^*)_g \xi, [\text{Ad}_g(u), \text{Ad}_g(v)] \rangle \\
&= \omega_\xi(u_{\mathfrak{g}^*}(\xi), v_{\mathfrak{g}^*}(\xi)) \\
\implies g^*\omega &= \omega
\end{aligned}$$

Paso 4 ω é fechada. Vamos usar invariância de novo. A invariância significa que

$$\begin{aligned}
0 &= \mathcal{L}_{u_{\mathfrak{g}^*}} \omega = i_{u_{\mathfrak{g}^*}} d\omega + di_{u_{\mathfrak{g}^*}} \omega \\
\implies i_{u_{\mathfrak{g}^*}} d\omega &= -d(i_{u_{\mathfrak{g}^*}} \omega)
\end{aligned}$$

Afirmção $i_{u_{\mathfrak{g}^*}} \omega = du$. Já como é o dual do dual, podemos ver a u como uma função $u \in \mathfrak{g} = \mathcal{C}_{\text{lin}}^\infty(\mathfrak{g}^*) \subseteq \mathcal{C}^\infty(\mathfrak{g})$.

Como u é linear, $d|_\xi(\eta) = u(\eta)$. Daí,

$$du|_\xi(v_{\mathfrak{g}^*}(\xi)) = u(v_{\mathfrak{g}^*}(\xi)) = \langle \xi, [u, v] \rangle = \omega_\xi(u_{\mathfrak{g}^*}(\xi), v_{\mathfrak{g}^*}(\xi)).$$

□

15 Aula 15

Na aula pasada:

- Ação coadjunta de uma grupo de Lie na sua álgebra de Lie:

$$G \xrightarrow{\text{Ad}^*} \mathfrak{g}^* \quad \text{Ad}_g = dI_g, \quad I_g(a) = ga g^{-1}$$

- Numa órbita $\mathcal{O} \hookrightarrow \mathfrak{g}^*$,

$$\omega(u_{\mathfrak{g}^*}(\xi), v_{\mathfrak{g}^*}(\xi)) := \langle \xi, [u, v] \rangle$$

para $u, v \in \mathfrak{g}, \xi \in \mathcal{O} \subseteq \mathfrak{g}^*$, é uma estrutura simplética em \mathcal{O} .

Hoje: exemplos concretos

15.1 Exemplos concretos (da ação coadjunta)

Observação Suponha que $k = \langle \cdot, \cdot \rangle$ é uma forma bilinear simplética não degenerada e Ad-invariante em \mathfrak{g} , ie.

$$\langle \text{Ad}_g(u), \text{Ad}_g(v) \rangle$$

Então podemos identificar órbitas adjuntas e coadjuntas assim:

$$\begin{aligned} k^\flat : \text{Ad} \curvearrowright \mathfrak{g} &\xrightarrow{\cong} \mathfrak{g}^* \curvearrowleft \text{Ad}^* \\ u &\longmapsto \langle u, \cdot \rangle \end{aligned}$$

já que é *equivariante*.

Exemplo concreto da órbita e ação coadjunta

$$\begin{aligned} \text{SO}(3) &= \{A \in M_{3 \times 3}(\mathbb{R}) : AA^T = \text{id}, \det A = 1\} \\ \mathfrak{so}(3) &= \{A \in M_{3 \times 3}(\mathbb{R}) : A = -A^T\} \end{aligned}$$

Note que aqui a ação adjunta de $\text{SO}(3)$ em $\mathfrak{so}(3)$ é por conjugação. Agora, podemos identificar

$$\begin{aligned} \mathfrak{so}(3) &\longrightarrow \mathbb{R}^3 \\ \begin{pmatrix} 0 & -z & y \\ z & 0 & -x \\ -y & x & 0 \end{pmatrix} &\longmapsto \begin{pmatrix} x \\ y \\ z \end{pmatrix} = u \\ [\cdot, \cdot] &\longmapsto (u, v) \mapsto u \times v \end{aligned}$$

Aqui a ação é por multiplicação de matrizes! I.e., $\text{SO}(3) \curvearrowright \mathfrak{so}(3) \cong \mathbb{R}^3$ é dada por

$$\begin{aligned} \text{Ad}_A(v) &= Av, \quad v \in \mathbb{R}^3 \\ \text{ad}_u(v) &= u \times v \end{aligned}$$

e além disso, se o produto interno canônico de \mathbb{R}^3 é $\langle \cdot, \cdot \rangle$, temos que essa ação é $\text{Ad}_{\mathfrak{so}(3)}$ -invariante. Isso nos permite

$$\begin{array}{ccc} \mathfrak{so}(3) & \longrightarrow & \mathfrak{so}(3) \\ \downarrow \cong & & \downarrow \\ \mathbb{R}^3 & \xrightarrow{\langle \cdot, \cdot \rangle} & (\mathbb{R}^3)^* \end{array}$$

Para entender as orbitas coadjuntas de $\text{SO}(3)$ em $\mathfrak{so}(3)$ basta analisar o caso em \mathbb{R}^3 .

Órbitas (co-)adjuntas em $\mathbb{R}^3 (\cong \mathfrak{so}(3))$. De fato, isso vai ser um exercício. Vai concluir que a estrutura simplética nas órbitas dessa ação coincide com a estrutura simplética na esfera.

Exercício Mostre que a forma de área na esfera é um múltiplo constante da forma KKS. O múltiplo é $1/r$ onde r é o raio da esfera.

Outro exemplo concreto

$$G = U(n) = \{A \in GL(n, \mathbb{C}) : AA^* = \text{id}\}$$

$$\mathfrak{g} = \mathfrak{u}(n) = \{u \in M_{n \times n}(\mathbb{C}) : u = -u^*\}$$

Aqui a ação adjunta $U(n) \curvearrowright \mathfrak{u}(n)$ é por conjugação. Agora vamos estudar a ação coadjunta.

Temos um prouto interno Ad-invariante em $\mathfrak{u}(n)$:

$$(u, v) \longmapsto \text{tr}(u^k v) = -\text{tr}(uv).$$

Portanto temos uma identificação

$$U(n) \curvearrowright U(n) \xrightarrow{\cong} \mathfrak{u}(n)^* \curvearrowright U(n).$$

Ou seja, a forma de estudar isto é olhando para a ação de $U(n)$.

Note ainda que $\mathfrak{u}(n) = i\mathcal{H}$ onde $\mathcal{H} = \{\xi \in M_n(\mathbb{C}) : \xi = \xi^*\}$. Com isso,

$$U(n) \xrightarrow{\text{Ad}^*} \mathfrak{u}(n)^* \cong \mathfrak{u}(n) \cong \mathcal{H} \xleftarrow{\text{Ad}^*} U(n)$$

e então

$$\text{Ad}_A^*(\xi) = A\xi^{-1}A.$$

Portanto,

$$\xi, \xi' \in \mathcal{H} \text{ estão na mesma órbita coadjunta } \mathcal{O}$$

$$\xLeftrightarrow{\text{teo. espectral}} \text{spec}(\xi) = \text{spec}(\xi')$$

Ado $\Lambda = (\lambda_1, \dots, \lambda_n), \lambda_i \in \mathbb{R}, \lambda_1 \leq \dots \leq \lambda_n$. Daí as órbitas são

$$\mathcal{O}_\Lambda = \{\xi \in \mathcal{H} : \text{spec}(\xi) = \Lambda\}$$

e se chamam de *isoespetrais*.

Qual é a topologia dessa órbita?

Alguns casos

- $\lambda_1 < \lambda_2 = \dots = \lambda_n$ cada $\xi \in \mathcal{O}_\Lambda$ é determinada pelo autoespaço de λ_1 , ou seja, uma linha em \mathbb{C}^n . Defina $\mu = \lambda_2 = \dots = \lambda_n$. (Como o teorema espectral nos dá uma decomposição ortogonal com os autoespaços de uma transformação hermitiana, a ação de uma transformação $\xi \in \mathcal{H}$ fica determinada por essa linha.) Daí,

$$\mathcal{O}_\Lambda \cong \mathbb{CP}^{n-1}$$

- $\lambda_1 = \dots = \lambda_k < \lambda_{k+1} = \dots = \lambda_n$. Obtemos

$$\mathcal{O}_\Lambda = \text{Gr}(k, n)$$

- $\lambda_1 < \lambda_2 < \dots < \lambda_n$. Aqui $\xi \in \mathcal{O}_\Lambda$ está determinada pelos autoespaços $L_1 \sim \lambda_1, \dots, L_n \sim \lambda_n$. Equivalentemente,

$$\begin{aligned} E_1 &= L_1 \\ E_2 &= L_1 \oplus L_2 && \text{aqui só } L_2 \text{ e nova info.} \\ &\vdots \\ E_j &= L_1 \oplus \dots \oplus L_j \\ &\vdots \\ E_n &= \mathbb{C}^n \end{aligned}$$

Então temos

$$L_1 = E_1 \subseteq \dots \subseteq E_n = \mathbb{C}^n$$

isso se chama de *variedade bandeira (completa)*.

Projeto? Relação entre geometria simplética e álgebra linear. Tem um teorema básico sobre matrizes hermitianas:

Teorema (Schur-Horn) \mathcal{O}_Λ uma variedade isoespectral (todos os caras hermitianos cujo espectro e esse Λ), $\{\xi \in \mathcal{H} : \text{spec}(\xi) = \Lambda\}$. Considere o mapa diagonal

$$\text{diag} : \mathcal{O}_\Lambda \longrightarrow \mathbb{R}^n$$

(É só pegar a diagonal da matriz e colocá-la num vetor.) Então, a imagem de diag é um poítopo convexo com vertices dados pelas $n!$ permutações de $\Lambda = (\lambda_1, \dots, \lambda_n)$.

Observação Esse teorema pode ser generalizado (Atiyah-?) trocando \mathcal{O}_Λ por uma variedade simplética com a ação do toro maximal.

Horn's problem Descrever o espectro da soma de duas matrizes hermitianas com espectros conhecidos. Tem um artigo expositório (survey) de A. Knutson, *A The symplectic and algebraic geometry of Horn's problem*. Também tem um artigo de pesquisa famoso com Terry Tao, e outro dele com Terry Tao e Chris Woodward (esses estão citados no survey).

15.2 Ponto de vista "Poisson"

Lembre:

Estrutura de Poisson

$$\{\cdot, \cdot\} : \mathcal{C}^\infty(M) \times \mathcal{C}^\infty(M) \longrightarrow \mathcal{C}^\infty(M)$$

forma \mathbb{R} -bilinear antisimétrica ($\{f, g\} = -\{g, f\}$) Jacobi e Leibniz ($\{f, gh\} = \{f, g\}h + \{f, h\}g$).

Exemplos

- $\{\cdot, \cdot\} = 0$.
- (M, ω) simplética, $\{f, g\} = \omega(X_g, X_f)$.
- (Exemplo nem simplético nem trivial.) $\mathbb{R}^3 = \{x = (x, y, z)\}$,

$$\{f, g\}(x) = \langle x, \nabla f(x) \times \nabla g(x) \rangle$$

onde ∇ denota gradiente.

Note que pela condição Leibniz do colchete de Poisson, $\{f, \cdot\}$ é uma derivação, que sabemos que é equivalente a dizer que é um campo vetorial. Assim, para toda função $f \in C^\infty(M)$ existe um campo vetorial Hamiltoniano. De fato, isso é consistente com o caso do colchete de Poisson associado a uma variedade simplética.

Pegue o Hamiltoniano

$$H(x, y, z) = \frac{x^2}{2I_1} + \frac{y^2}{2I_2} + \frac{z^2}{2I_3}$$

Daí vêm as equações de Euler-?

15.2.1 Descrição tensorial (do colchete de Poisson)

Considere $\pi \in \Gamma(\wedge^2(TM))$ e o colchete

$$\{f, g\} = \pi(df, dg).$$

Em coordenadas

$$\pi = \sum_{i < j} \pi_{ij}(x) \frac{\partial}{\partial x_i} \wedge \frac{\partial}{\partial x_j}$$

15.2.2 Distribuição característica

Os vectores são vectores hamiltonianos de alguma função :

$$R \subseteq TM, \quad R_x = \{X_f(x) : f \in C^\infty(M)\}$$

Teorema

- $R \subseteq TM$ é integrável.
- Cada folha tem estrutura simplética natural. Obtemos a *folheação simplética*. Ela determina, caracteriza, a estrutura de Poisson.

15.2.3 Uma classe especial de variedades de Poisson

Uma classe de estruturas de Poisson à que pertence o exemplo que nem é trivial nem é simplético.

$M = V$ espaço vetorial. $C_{\text{lin}}^\infty(V) \subseteq C^\infty(M)$. Note que $\{\cdot, \cdot\}$ é linear. Suponha que $\{C_{\text{lin}}^\infty(V), C_{\text{lin}}^\infty(V)\} \subseteq C_{\text{lin}}^\infty(V)$. Note que $C_{\text{lin}}^\infty(V) \cong V^*$.

Por outro lado, $(\mathfrak{g}, [\cdot, \cdot]) \rightsquigarrow \{\cdot, \cdot\}$ é linear em \mathfrak{g}^* , e como $\mathfrak{g} = \mathcal{C}_{\text{lin}}^\infty(\mathfrak{g}^*) \subseteq \mathcal{C}^\infty(\mathfrak{g})$, existe um único $\{\cdot, \cdot\}$ tal que

$$\{\cdot, \cdot\}|_{\mathfrak{g}} = [\cdot, \cdot]$$

Agora vamos ver a fórmula para o colchete de Poisson associado a $[\cdot, \cdot]$:

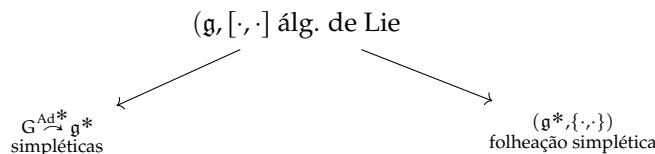
$$\{f, g\}(\xi) = \langle \xi, [df(\xi), dg(\xi)] \rangle$$

para $f, g \in \mathcal{C}^\infty(\mathfrak{g}^*)$.

Conclusão

$$\begin{array}{c} \text{estruturas de Poisson} \\ \text{lineares em } V = \mathfrak{g}^* \end{array} \longleftrightarrow \begin{array}{c} \text{álgebra de Lie} \\ \text{em } V^* = \mathfrak{g} \end{array}$$

Pode ver que



de onde as órbitas coadjuntas correspondem às folhas. O importante aqui é saber que a folheação tem estrutura de Poisson.

16 Aula 16

Vimos

- G grupo de Lie. $\mathcal{O} \hookrightarrow \mathfrak{g}^*$ orbitas coadjuntas possuem uma estrutura simplética canónica. Isso na verdade é um exemplo de um objeto mais geral que a gente vai discutir hoje: ações hamiltonianas.

16.1 Caso mais simples

Quando $G = \mathbb{R}$. Seja (M, ω) simplética. Temos:

$$\mathbb{R}\text{-ação} = \text{fluxo } \psi \rightsquigarrow X \in \mathfrak{X}(M) \text{ campo de vetores}$$

Definição

- Uma \mathbb{R} -ação é **simplética** se $\psi_t^* \iff \mathcal{L}_X \omega = 0$. (X é um campo simplético.)
- \mathbb{R} -ação é **hamiltoniana** se X é hamiltoniano, i.e., existe uma função H tal que $X = X_H$

Agora vamos generalizar isso.

16.2 Caso geral

Definição

- Uma G -ação é *simplética* se $\psi_g^* \omega = \omega$ para toda $g \in G$, i.e.

$$\begin{array}{ccc} \psi : G & \longrightarrow & \text{Dif}(M) \\ & \searrow & \uparrow \\ & & \text{Simp}(M, \omega) \end{array}$$

- G -ação é *hamiltoniana* se existe uma *aplicação momento*.

Vamos supor a existência de um mapa

$$\begin{array}{ccc} & \mathcal{C}^\infty(M) & f \\ \mathfrak{g} \nearrow \hat{\mu} & \downarrow & \downarrow \\ & \mathfrak{X}(M) & X_f \\ u \searrow & & \\ & u_M & \end{array}$$

Observação

- Se $\hat{\mu}$ existe, não é unicamente determinado.
- Sempre podemos supor que $\hat{\mu}$ é linear.

É equivalente dar $\hat{\mu}$ como função $\hat{\mu} : \mathfrak{g} \longrightarrow \mathcal{C}^\infty(M)$ ou como uma função

$$\begin{aligned} \mu : M &\longrightarrow \mathfrak{g}^* \\ \hat{\mu}(u)(x) &= \langle \mu(x), u \rangle \end{aligned}$$

Definição Seja $G \curvearrowright (M, \omega)$ uma ação simplética. Dizemos que é *fracamente hamiltoniana* se existe $\mu : M \rightarrow \mathfrak{g}^*$ (equivalentemente, $\hat{\mu} : \mathfrak{g} \rightarrow \mathcal{C}^\infty(M)$ linear) tal que

$$i_{u_M} \omega = d \langle \mu, u \rangle \quad (u_M = X_{\hat{\mu}(u)}) \quad (2)$$

e a ação é *hamiltoniana* se, além disso, vale

$$\mu \text{ é equivariante} \quad (3)$$

isto é, $\mu : G \curvearrowright M \longrightarrow \mathfrak{g}^* \xleftarrow{\text{Ad}^*} G$,

$$\mu \circ \psi_g = (\text{Ad}^*)_g(\mu)$$

No caso abeliano, que é o caso dos fluxos, essa segunda condição de equivariança é trivialmente satisfeita.

Terminologia

- (M, ω, μ) é um *G-espaco hamiltoniano*.
- μ é *aplicação momento*.
- G abeliano: μ é G -equivariante $\iff \mu$ é G -invariante.

Exemplo No caso abeliano, isso vira simplesmente escolher uma função que seja a hamiltoniana do campo vetorial associado à \mathbb{R} -ação. Isso é, a aplicação momento para uma \mathbb{R} -ação com campo gerador X é uma função $H \in C^\infty(M)$ tal que $X = X_H$. Note que H é constante ao longo do fluxo de X_H .

(Agora?) veremos resultados de existência/obstrução para aplicações momento adiante. (Adiante.)

Observação Em termos do *comomento* $\hat{\mu} : \mathfrak{g} \longrightarrow C^\infty(M)$, a equivariância de μ é equivalente a que

$$\begin{aligned} \iff \psi_g^*(\hat{\mu}(u)) &= \hat{\mu}(\text{Ad}_{g^{-1}}(u)) \quad \forall u \in \mathfrak{g} \\ \implies \mathcal{L}_{v_M}(\hat{\mu}(u)) &= \hat{\mu}([u, v]) \end{aligned}$$

pegando $g = \exp(tv)$, $\frac{d}{dt}\big|_{t=0}$. Lembre que $\{\hat{\mu}(u), \hat{\mu}(v)\} = \mathcal{L}_{v_M}(\hat{\mu}(u))$. i.e. G -equivariância implica que $\hat{\mu}$ é um *antihomomorfismo* de álgebras de Lie. A conversa é verdade supondo que G é conexo.

Observação A primeira condição da definição diz que podemos achar a função que é o hamiltoniano do campo vetorial associado ao elemento em \mathfrak{g} . A segunda condição diz que esse mapa $\mathfrak{g} \longrightarrow C^\infty(M)$ é um antihomomorfismo de álgebras de Lie (ver diagrama)

16.3 Princípio de Noether

(M, ω, μ) G -espaco hamiltoniano, $H \in C^\infty(M)$ hamiltoniano. Então,

$$H \text{ é } G\text{-invariante} \iff \mu \text{ é preservada pelo fluxo hamiltoniano de } H$$

Demonstração.

$$\mathcal{L}_{X_H} \langle \mu, u \rangle = i_{X_H} d(\langle \mu, u \rangle) = i_{X_H} i_{u_M} \omega = -i_{u_M} \underbrace{i_{X_H} \omega}_{dH} = -\mathcal{L}_{u_M} H$$

□

(É um desses exemplos onde a definição faz o teorema trivial.)

16.4 Exemplos de ações Hamiltonianas

1. $M = \mathbb{R}^{2n} = T^*\mathbb{R}^n$. $\omega = \sum_i dq_i \wedge dp_i$. $G = \mathbb{R}^n$. $\mathbb{R}^n \curvearrowright \mathbb{R}^{2n}$ por traslação, ie. $g \cdot (p, q) = (q + g, p)$. Isso claramente é uma ação. Mas, como pode achar uma aplicação momento para ela?

Geradores infinitesimais. $g = tu$,

$$u_M|_{(q,p)} = \sum_i u_i \frac{\partial}{\partial q_i}$$

Queremos ver se esse campo é hamiltoniano. De fato,

$$i_{u_M} \omega = i_{u_M} \left(\sum_i dq_i \wedge dp_i \right) = \sum_i u_i dp_i = d(\langle p, u \rangle)$$

2. Aplicação momento.

$$\begin{aligned} \mu : \mathbb{R}^{2n} &\longrightarrow \mathbb{R}^n \\ (q, p) &\longmapsto p \end{aligned}$$

Teorema (Noether) H invariante por traslação $\iff p$ é preservado pelo fluxo de H

Observação Lembre do ensino medio onde tinhamos energia cinética mas potencial, $K + V$. O teorema diz que um potencial invariante por traslação iff momento linear é preservado.

17 De forma mais geral

Quando temos (M, ω) e $\omega = -d\theta$ é exata. Com uma ação $G \curvearrowright (M, \omega)$, temos $\psi_g^* \theta = \theta$, então $\mathcal{L}_{u_M} \theta = 0$. Nesse caso, a ação é hamiltoniana e a aplicação momento está dada por

$$\begin{aligned} M &\longrightarrow \mathfrak{g}^* \\ \langle \mu, \theta \rangle &= i_{u_M} \theta \end{aligned}$$

Demonstração.

•

$$i_{u_M} \omega \stackrel{?}{=} d\langle \mu, u \rangle = di_{u_M} \theta = \underbrace{\mathcal{L}_{u_M}}_{=0} \theta - i_{u_M} d\theta = i_{u_M} \omega$$

•

$$\begin{aligned} (\text{Ad}^*)_g \mu &\stackrel{?}{=} \langle \mu \circ \psi_g, u \rangle = \psi_g^* (\langle \mu, u \rangle) = \psi_g^* (i_{u_M} \theta) = i_{(\psi_{g^{-1}})^* u_M} (\psi_g^* \theta) \\ &= i_{(\text{Ad}_{g^{-1}}(u))_M} \theta = \langle \mu, \text{Ad}_{g^{-1}}(u) \rangle = \langle (\text{Ad}^*)_g \mu, u \rangle \end{aligned}$$

□

Exemplo (Levantamento cotangente) $M = T^*Q$, $\omega_{\text{can}} = -d\alpha$.

$$G \xrightarrow{\psi} Q \rightsquigarrow G \xrightarrow{\hat{\psi}} T^*Q$$

$$\hat{\psi}_g = (d\psi_{g^{-1}})^*$$

Y vimos que o levantamento cotangente preserva a forma tautológica, i.e., $(\hat{\psi}_g)^*\alpha = \alpha$. Isso implica que temos uma ação hamiltoniana.

Ação momento

$$\mu : T^*Q \longrightarrow \mathfrak{g}^*$$

$$\langle \mu, u \rangle = i_{u_M} \alpha$$

Simplificação: $\langle \mu(\xi), u \rangle = \xi(u_Q)$.

Lembre como estava definida a forma tautológica:

$$\begin{array}{ccc} \xi \in & & T^*Q \\ \downarrow & & \downarrow \pi \\ x \in & & Q \end{array}$$

onda simplesmente $\alpha_\xi = \pi^*\xi$.

Exemplo (Outros exemplos)

- $SO(3) \curvearrowright \mathbb{R}^3 \xrightarrow{\text{levantamento}} SO(3) \curvearrowright \mathbb{R}^6 \cong T^*\mathbb{R}^3 \cong \mathbb{R}^3 \times \mathbb{R}^3 \times \mathbb{R}^3$. Com aplicação momento (dada pelo isomorfismo da álgebra $\mathfrak{so}(3)^* \cong \mathbb{R}^3$ que já vimos?)

$$\mu : \mathbb{R}^3 \times \mathbb{R}^3 \longrightarrow \mathfrak{so}(3)^* \cong \mathbb{R}^3$$

$$(q, p) \longmapsto q \times p$$

que se chama *momento angular*.

Produtos direitos, restrição a subgrupo (vai vir na lista).

Órbitas coadjuntas. $G \curvearrowright (\mathcal{O}, \omega_{\text{KKS}}) \xrightarrow{\mu=i} \mathfrak{g}^*$.

18 Aplicações momento: quando existem e o que fazer com elas

Nem sempre pode pegar um quociente simplético (a diferencia do mundo Riemanniano). No mundo simplético, temos que pegar conjuntos de nível da aplicação momento.

Teorema (Marsden-Weinstein, Megre) $G \curvearrowright (M, \omega)$, ação hamiltoniana, $\mu : M \rightarrow \mathfrak{g}^*$ aplicação momento. Suponha que $0 \in \mathfrak{g}^*$ é um valor regular. Então, pela equivariância de μ temos uma ação $G \curvearrowright \mu^{-1}(0)$:

$$\begin{aligned} x \in \mu^{-1}(0), \quad \mu(x) &= 0 \\ \mu(\psi_g(x)) &= \text{Ad}_g^* \left(\underbrace{\mu(x)}_{=0} \right) = 0 \end{aligned}$$

(isso significa que tem uma ação de G em $\mu^{-1}(0)$.) Suponha além disso que a ação é boa, i.e. *regular* (definido na seguinte seção), que $\mu^{-1}(0)/G$ é suavem que a projeção é sumersão. Então, existe uma única forma ω_{red} simplética em M_0 tal que $i^*\omega = \pi_0^*\omega_{\text{red}}$. Isso é, a forma simplética é o pullback de uma forma no quociente,

$$\begin{array}{ccc} G \curvearrowright \mu^{-1}(0) & \longrightarrow & M \\ \downarrow \pi_0 & & \\ M_0 := \mu^{-1}(0)/G & & \end{array}$$

Observação Esse resultado tem muita história: primero o Meyer provou no Salvador, mas foi despercebido. Daí esse mesmo ano Marsden-Weinsten provaram. Mas também parece que tudo esta relacionado com o Smale, que depois de mostrar a conjectura de Poincaré em dimensões altas estava tentando resolver o problema de treis corpos (talvez usando redução simplética).

19 Quocientes de ações por grupos de Lie

19.0.1 Criterio para ações regulares

$G \curvearrowright P$, G grupo de Lie, P vareidade, G/P espaço de órbitas com topologia quociente.

$$\begin{array}{c} P \\ \downarrow \pi \\ P/G \end{array}$$

Mas ese espaço pode ser ruim. Por exemplo, $G = \mathbb{R} \curvearrowright \mathbb{R}$ com $(t, x) \mapsto e^t x$ gera um espaço de treis órbitas: \mathbb{R}^- para $x < 0$, \mathbb{R}^+ para $x > 0$ e 0 para $x = 0$. Mas qualquer aberto contendo 0 é todo \mathbb{R} : esse espaço nem é Hausdorff.

Definição $G \curvearrowright P$ é *regular* se P/G é uma C^∞ -variedade e $p \xrightarrow{\pi} P/G$ é sumersão.

Critério $G \curvearrowright P$.

- *Livre*: $\forall p \in P, G_p = \{e\}$ ($g \cdot p = p \implies g = e$).
- *Própria*: a função

$$\begin{aligned} G \times P &\longrightarrow P \times P \\ (g, p) &\longmapsto (g \cdot p, p) \end{aligned}$$

é *própria* se a imagem inversa de compacto é compacto.

Exemplo G compacto \implies G -ação é própria.

Teorema (Palais) $G \curvearrowright P$ livre, própria, então é regular.

Idea da prova. Queremos construir uma estrutura suave em P/G . Pegue um ponto. É uma órbita. Pegue uma subvariedade complementar, transversal, à órbita: $T_x S \oplus T_x \mathcal{O} = T_x P$. Faça agir o grupo nessa variedade transversal localmente. O resultado de uma vizinhança da órbita. Essa vai ser a carta. Usar teorema da função inversa.

Também pode usar critério de Godement (isso é mais geral). Uma variedade M , uma relação de equivalência $R \subseteq M \times M$ (pode ser foliação, ...). Então o quociente é variedade suave se e só se a relação de equivalência é fechada e mergulhada e a projeção a um dos fatores é sumersão. Então aqui a gente só prova que o mapa da definição de mapa próprio é um mergulho fechado. \square

20 Aula 17: redução simplética (quociente simplético)

Lembre:

- **Ação hamiltoniana:** existe uma pliação momento $\mu : M \longrightarrow \mathfrak{g}^*$ satisfazendo duas propriedades: $i_{u_M} \omega = \partial \langle \mu, u \rangle$ e G -equivariância de μ , i.e. $\mu \cdot \psi_g = (\text{Ad}^*)_g \mu$

Hoje: Redução simplética (quociente simplético)

20.1 Uma proposição parecida ao exercício 5 da lista 3

Precisaremos considerar a seguinte situação:

$$\begin{array}{c} G \curvearrowright P \\ \downarrow \\ B = P/G \end{array}$$

que é uma ação *regular* (livre, própria).

Pergunta Quando $\omega \in \Omega^2(P)$ é *básica*, ie. da forma $\pi^* \bar{\omega}$, $\bar{\omega} \in \Omega^2(B)$?

Definição ω da forma $\pi^* \bar{\omega}$ é dita *básica* (com respeito à ação).

20.2 G conexo

Observação G conexo \implies órbitas conexas $\implies \pi$ é sumersão com fibras conexas. Nesse caso, (lista 3)

$$\omega \text{ é básica} \iff \begin{cases} \mathcal{L}_{u_M} \omega = 0, \\ i_{u_M} \omega = 0 \end{cases} \quad \forall u \in \mathfrak{g}$$

20.3 G qualquer

Primeiro lembre que

Proposição

1. ω é básica se e somente se ω é **G-invariante (em caso de G ser conexo isso é equivalente a $\mathcal{L}_{u_M}\omega = 0$)**, e $i_{u_M}\omega = 0$, i.e. $\ker \pi_* \subseteq \ker \omega$.

E mais, se $\omega = \pi^*\bar{\omega}$, vale

2. $d\omega = 0 \iff d\bar{\omega} = 0$
3. $\bar{\omega}$ não degenerada $\iff \ker \pi_* = \ker \omega$.

Proposição

1. Só tem um jeito de definir $\bar{\omega}$:

$$\bar{\omega}_b(\tilde{X}, \tilde{Y}) = \omega_p(X, Y)$$

onde $\pi_*(X) = \tilde{X}$ e $\pi_*(Y) = \tilde{Y}$ e $b = \pi(p)$. Daí só tem que verificar que $\bar{\omega}$ está bem definido:

- Não depende das escolhas de X e Y. Fixando p, temos que

$$X + \ker \pi_*, Y + \ker \pi_*$$

- Não depende de p tal que $\pi(p) = b$. Aqui usamos que ω é G-invariante, **essa é a única diferença com o exercício 5 da lista 3**. Temos

$$\pi(p) = \pi(p') \iff p = g \cdot p'$$

$$\omega_p(X, Y) = \omega_{p'}(X', Y')$$

$$X = d\psi_g(X'), \quad Y = d\psi_g(Y')$$

assim, $\bar{\omega}$ está bem definido, é suave e $\pi^*\bar{\omega} = \omega$

2. Como na lista 3
3. Como na lista 3.

20.4 Redução simplética

Pegue $G \curvearrowright^\psi (M, \omega)$, a aplicação momento, $\chi \in \mathfrak{g}^*$, e algumas outras coisas mais que não consegui escrever (é o cenário para:)

Teorema (Marsden-Weinstein, Meyer) Por cada elemento no dual da algebra de Lie, temos uma variedade pegando imagem inversa do mapa momento e quotientando.

$G \curvearrowright (M, \omega)$, $\mu : M \rightarrow \mathfrak{g}^*$. Seja $\xi \in \mathfrak{g}^*$ valor regular de μ , i.e. $\mu^{-1}(\xi) \rightarrow M_\xi = \mu^{-1}(\xi)/G_\xi$. Suponha $G_\xi \curvearrowright \mu^{-1}(\xi)$ é uma subvariedade regular.

Então existe uma única forma simplética ω_{red} em $M_{\xi} = \mu^{-1}(\xi)/G_{\xi}$ tal que

$$\pi_{\xi}^* \omega_{\text{red}} = i_{\xi}^* \omega$$

ie,

$$\begin{array}{ccc} \mu^{-1}(\xi) & \xleftarrow{i_{\xi}} & M^{\omega} \\ \downarrow \pi_{\xi} & & \\ (M_{\xi}, \omega_{\text{red}}) & & \end{array}$$

Observação A diferença com a outra vez que enunciamos o teorema é que quando pegamos um ponto arbitrário no \mathfrak{g}^* temos que ter cuidado com qual é o grupo que é invariante na variedade para quocientar: pode não ser o G tudo.

Demonstração. Só temos que checar que

$$i^* \xi(\omega) \in \Omega^2(\mu^{-1}(\xi)) \text{ é básica para } G_{\xi}\text{-ação}$$

ou seja, de acordo com a proposição, queremos ao fim de contas, que

- G_{ξ} -invariante. (Isso é muito simples.)
- $\ker(\pi_{\xi})_* = \ker(i_{\xi}^* \omega)$. Só falta ver isso. Note que

$$T_x(G_{\xi} \cdot x) = \ker(\pi_{\xi})_*|_x, \quad \ker(i_{\xi}^* \omega)|_x = T_x(\mu^{-1}(\xi)) \cap T(\mu^{-1}(\xi))^{\omega}$$

Agora vamos trabalhar com isso na forma de um lema:

Lemma

1. $T_x(\mu^{-1}(\xi)) = T_x(G \cdot x)^{\omega}$.
2. $T_x(G_x \cdot x) = T_x(G \cdot x) \cap T_x(\mu^{-1}(\xi))$

Daí podemos pegar ω -complemento na igualdade 1., daí substituímos na igualdade 2. e o teorema segue.

do Lema.

1. Isso é provar que $\ker d_x \mu = T_x(G \cdot x)^{\omega}$. Isso é verdade porque (propriedades do mapa momento)

$$\begin{aligned} x \in \ker d_x \mu &\iff \langle d\mu(X), u \rangle = 0 \quad \forall u \\ &\iff i_X \underbrace{d\langle \mu, u \rangle}_{i_{u_M} \omega} = 0 \quad \forall u \\ &\iff X \in T_x(G \cdot x)^{\omega} \end{aligned}$$

2. Por um lado,

$$T_x(G_\xi \cdot x) = \{u_M(x) | u \in \mathfrak{g}\} = \{u_M(x) | u \text{ satisfaz } u_{\mathfrak{g}*}(\xi) = 0\}$$

Por outro lado, (equivariância de μ)

$$T_x(G \cdot x) = \{u_M(x) | u \in \mathfrak{g}\}$$

$$\ker d_*\mu = T_x(\mu^{-1}(\xi)) = \{X | d\mu(X) = 0\}$$

Intersectando ambos obtemos

$$\{u_M(x) | d\mu(u_M(x)) = 0\}$$

e pela equivariância de μ , $d\mu(u_M(x)) = 0 \iff u_{\mathfrak{g}*}(\xi) = 0$.

□

□

20.5 Alguns comentários sobre o teorema

Para que serve? Por exemplo, para diminuir os graus de liberdade de um sistema Hamiltoniano em uma variedade. Também pode ser que o espaço de moduli seja esse quociente.

Em vários casos a redução é "singular" É quando a ação não é regular, não tem quociente suave. Aqui pode usar "espaços estatificados". Também pode usar um approach mais algébrico: redução "homológica". Isso último leva aos métodos BRST e BV.

Exercício $x \in M$, $\mathfrak{g}_x \subseteq \mathfrak{g}$, então vale

$$\text{Ann}(\mathfrak{g}_x) = \text{img } d_x\mu$$

daí, ξ é um valor regular $\implies \mathfrak{g}_x = \{0\} \implies G_x$ é discreta $\implies G_\xi \curvearrowright \mu^{-1}(\xi)$ é localmente livre. Se G_ξ é compacto, M_ξ é um *orbifold simplético*.

Outro comentário ξ valor regular, $M_\xi = \mu^{-1}(\xi)/G_\xi$ onde G_ξ age livremente em $\mu^{-1}(\xi)$.

$$\begin{aligned} \dim M_\xi &= \dim \mu^{-1}(\xi) - \dim G_\xi \\ &= \dim M - \underbrace{\dim \mathfrak{g}^*}_{\dim G} - (\dim G - \dim \mathcal{O}_\xi) \\ &= \dim M + \dim \mathcal{O}_\xi - 2 \dim G \end{aligned}$$

Shift trick (Vai vir na lista) ... A redução simplética depende da escolha do ξ . Se pegamos ξ, ξ' na mesma órbita coadjunta, então $M_\xi \cong M_{\xi'}$. Tem mais: bota tudo em um espaço mais grande para mostrar que todo quociente é um quociente do zero naquele espaço maior... vai vir na lista

Hamiltoniano em M da hamiltoniano em M_ξ Isso mem

20.6 Exemplos simples

Um exemplo muito simples

A reta agindo numa variedade simplética, que é o fluxo de algum campo X . A aplicação momento é o Hamiltoniano $H \in C^\infty(M)$, $X_H = X$, a aplicação momento é $H : M \rightarrow \mathbb{R}$. Isso daqui é uma ação hamiltoniana no caso mais simples.

Agora pegue um valor regular de H , ξ . Se a ação $\mathbb{R} \curvearrowright H^{-1}(\xi)$ é boa, obtemos que $H^{-1}(\xi)/\mathbb{R}$ é uma variedade simplética com ω_{red} .

Exemplo Muito parecido: considere $\mathbb{R} \curvearrowright \mathbb{S}^1 \curvearrowright \mathbb{C}^{n+1} = \mathbb{R}^{2n+2}$, a ação do círculo assim:

$$e^{i\theta}(z_0, \dots, z_n) = (e^{i\theta}z_0, \dots, e^{i\theta}z_n)$$

Agora, pelo teorema da aplicação momento (?), temos que

$$\begin{aligned} \mu : \mathbb{C}^{n+1} &\rightarrow \mathbb{R} \\ \mu(z) &= -\frac{1}{2}\|z\|^2 + \underbrace{1/2}_{\text{opcional}} \end{aligned}$$

assim, $\mu^{-1}(0)/\mathbb{S}^1 = \mathbb{CP}^n$, ω_{red} , i.e., **pelo teorema de Marsden-Weinstein, o \mathbb{CP}^n tem uma estrutura simplética.**

Mesmo mas mais geral Agora pegue

$$e^{i\theta}(z_0, \dots, z_n) = (e^{ik_0\theta}z_0, \dots, e^{ik_n\theta}z_n)$$

Considere caso $n = 1$, temos

$$e^{i\theta}(z_0, z_1) = (e^{k\theta}z_0, e^{i\theta}z_1)$$

obtemos

$$\mu(z_0, z_1) = -\frac{1}{2}(k\|z_0\|^2 + \|z_1\|^2)$$

Pegue $\xi < 0$ valor regular. Se $k = 1$ obtemos um quociente que é topologicamente uma esfera, mas tem uma singularidade: a *gota de lágrima*—uma esfera com um pontinho singular.

21 Aula 18